

Kathopanishad

A Upanishad do Sábio

Traduzida por Pedro Kupfer



॥ कठोपनिषत् ॥

Kaṭhopanīṣad

A Upaniṣad do Sábio



1ª edição: Maio de 2018

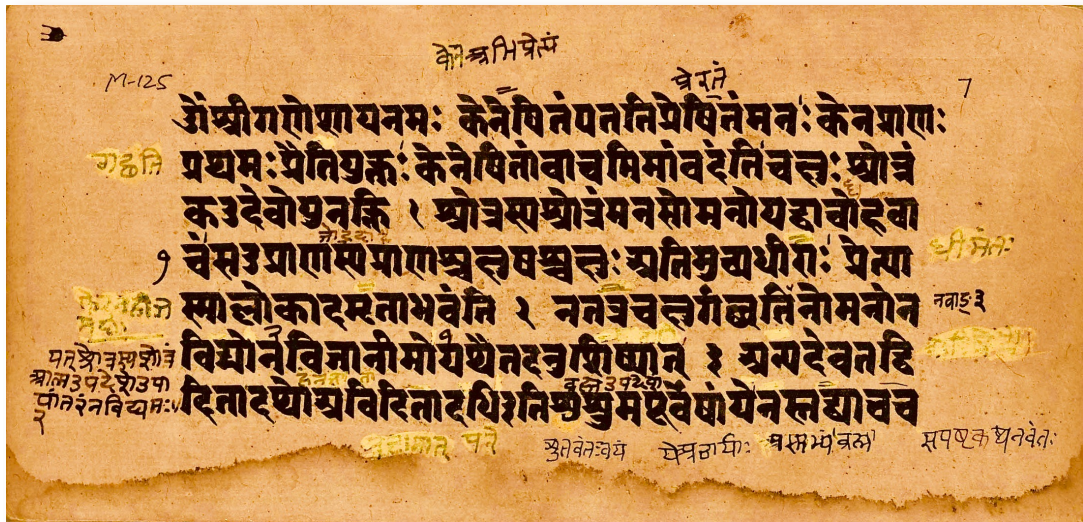
2ª edição: Junho de 2026

Yogabindu

Pedro Kupfer

yoga@yoga.pro.br

yoga.pro.br



Esta publicação não será vendida. Se chegou às suas mãos, e se você gostou da leitura e do estudo, sugerimos que faça uma doação ao **AIM for Seva**, organização fundada por Swāmi Dayānanda, que educa crianças de áreas carentes da Índia. Visite o website aimforseva.org e patrocine a educação de uma criança indiana desfavorecida. Permitem-se citações de trechos deste trabalho, desde que mencionem a fonte. Fica **proibida a venda** deste material. Obrigado por respeitar o *dharma*. **Om tat sat**.



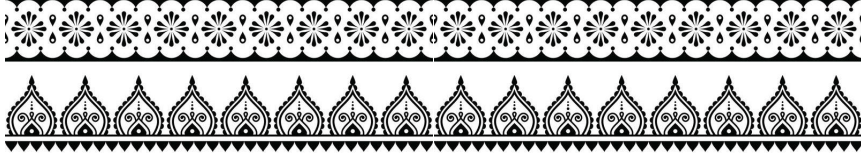


॥ कठोपनिषत् ॥

Kaṭhopanīṣad

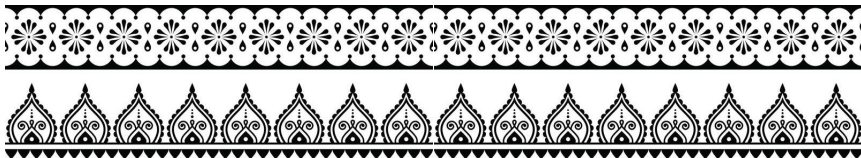
Tradução e Apresentação de
Pedro Kupfer





Índice

Apresentação do Prathamādhyāya	7
Prathamādhyāya — Primeira Parte	14
Valli (Canto) 1	14
Valli (Canto) 2	22
Valli (Canto) 3	29
Apresentação do Dvītīyādhyāya	34
Dvītīyādhyāya — Segunda Parte	38
Valli (Canto) 1	38
Valli (Canto) 2	42
Valli (Canto) 3	46
Prathamādhyāya	53
Dvītīyādhyāya	54
Sobre o Sânscrito, a Língua do Yoga	57
Bibliografia para Continuar o Estudo	61





Apresentação do *Prathamādhyaṃya*

Gostaria de convidar o amigo leitor para refletir sobre a história do jovem Naciketas, que representa o **buscador da verdade**, na narração da *Kaṭhopaniṣad*, um dos livros mais antigos que existem sobre autoconhecimento.

O filme clássico “O Sétimo Selo” de 1956, do diretor sueco Ingmar Bergman guarda alguns paralelos com esta narração. Nesse filme, Antonius Block, um nobre que volta das Cruzadas na Terra Santa para seu castelo na Escandinávia, em meio a uma séria crise existencial, vê-se na contingência de jogar xadrez com a Morte para salvar a própria vida.

Ele busca algum sinal de confirmação de sua fé, da presença divina na vida dos homens e do sentido profundo da existência, enquanto atravessa uma Europa assolada pela peste, a fome e a miséria. Durante a viagem, encontra artistas, fanáticos religiosos, patifes de toda espécie e, por toda parte a Morte, empenhada em ganhar-lhe o jogo de qualquer jeito.

Naciketas, o jovem protagonista desta antiga escritura, vê-se numa situação similar, ao defrontar-se com Yama, o deus da Morte. Não obstante, há diferenças importantes entre as duas personagens, posto que, enquanto que o nobre perdeu totalmente a confiança em Deus e em si próprio, Naciketas vai, destemidamente, ao encontro da Morte.

Há diferenças importantes também em quanto à postura frente à vida: o nobre Antonius é totalmente pessimista e não vê motivos para alegria em nada, enquanto que o jovem *yogin* encarna a avidez, a curiosidade, a resolução firme de libertar-se e a sede de conhecimento que definem o praticante ideal. Por outro lado, seu sacrifício é voluntário: ele não hesita em oferecer a própria vida para auxiliar seu pai a cumprir suas obrigações dhármicas.

No fim do filme de Bergman, Antonius e todas as pessoas que ele encontra em sua jornada, acabam dançando a dança da Morte. “Dançam rumo a escuridão, e a chuva cai em seus rostos”, diz um trovador que testemunha a cena.

No fim da *Kaṭhopaniṣad*, o jovem *yogin*, havendo superado as provações e tentações que a Morte lhe coloca, volta para o mundo dos vivos transformado pela experiência e conhecendo o segredo da vida além da morte.

As Upaniṣads constituem uma das fontes mais profundas de sabedoria reveladas à Humanidade. É normal que, ao ouvirmos isto, saíamos correndo procurar alguma tradução destes *śāstras* para mergulharmos na leitura. É igualmente comum que fiquemos frustrados por não entender sua linguagem, e que concluamos que as Upaniṣads são “especulações metafísicas”, acabando por irmos procurar esse conhecimento em algum outro lugar.

Isto acontece porque muitos dos textos hindus estão escritos em uma linguagem mítica e simbólica, cujas chaves de decifração se encontram numa cultura antiquíssima e radicalmente diferente da nossa.

Portanto, sentir-se frustrado ao não entender uma leitura dessas é um fato normal embora infeliz, pois as Upaniṣads nos oferecem dicas precisas e muito práticas para realizar o propósito supremo da existência. Elas respondem às duas principais perguntas que um ser humano pode fazer-se:

Qual é o propósito supremo da vida?

Como posso realizá-lo?

Porém, conseguir fazer as perguntas certas é menos da metade da tarefa. A *Kaṭhopaniṣad* responde essas duas perguntas colocando o questionador frente a frente com a realidade da vida e mostrando claramente o caminho a ser percorrido. Narra o encontro entre Naciketas e o Senhor da Morte, Yama.

A *Kaṭhōpaniṣad* responde as perguntas essenciais colocando o questionador frente a frente com a realidade da vida e mostrando claramente o caminho a ser percorrido.

A Origem do Nome Kaṭha

Há duas explanações possíveis para este nome, ambas aceites pelos estudiosos. Por um lado, o nome Kaṭha alude a uma antiga escola (*śākhā*) de sábios vinculados ao *Kṛṣṇa Yajurveda*. Nesse sentido, *Kaṭhōpaniṣad* significa literalmente “Upaniṣad [dos sábios da escola] Kaṭha”. Essa explicação coloca este nome dentro de um costume na cultura védica em que escolas e/ou mestres prestaram seus nomes aos textos.

Por outro lado, alguns comentadores percebem uma proximidade fonética entre os termos *kaṭha* e *kathā*, que significa “narrativa” ou “conto”. Como o *śāstra* está estruturado em torno do célebre diálogo entre o jovem Naciketas e o mestre Yama, seu nome também pode ser interpretado como a “Upaniṣad [em Forma de] Narração”. Contudo, esta é uma interpretação secundária e certamente não está vinculada à origem histórica do nome.

A Escola Kaṭha

A origem desta escola é atribuída ao sábio Kaṭha, um importante discípulo da linhagem de Vaiśampāyana. Vaiśampāyana foi um dos mais importantes sábios da tradição. Ele foi um dos principais discípulos de Vyāsa, o lendário compilador dos Vedas. Assim, o sábio Kaṭha e a sua escola foram fundamentais na preservação do ensinamento do *Kṛṣṇa Yajurveda* na Índia antiga.

Esta Upaniṣad, chamada igualmente *Kāṭhakōpaniṣad*, pertence à escola Taittirīya do *Yajurveda*. Data do primeiro milênio a.C. e contém, em forma embrionária, elementos da cosmogonia Sāṅkhya. Consta de dois cantos, com três capítulos (*vallis*) cada. Usa-se de uma antiga alegoria do *Ṛgveda* (x: 135) como moldura para o encontro definitivo entre o mestre perfeito, a Morte, e o discípulo ideal, um jovem adolescente sedento de sabedoria.

A Narração

O início da *Kaṭhōpaniṣad* poderá lembrar-lhe um conto de fadas mas, diferentemente dos contos infantis, existe uma lição bem profunda por trás dela. Lembro de uma frase do rabino Nachman (1772-1810), de Bratislava (Eslováquia):

“Muitas pessoas acreditam que as histórias são contadas para fazer as pessoas dormir. Eu conto as minhas para acordá-las.”

O jovem Naciketas oferece sua própria vida ao achar que as oferendas (algumas vacas magras) que Vājasravasa, seu pai, pôde reunir eram indignas de uma oferenda decente: “Pai, a quem me darás em sacrifício?” Perante a insistência impertinente do filho, Vājasravasa responde, literalmente: “Vá para o inferno!” Portanto, Naciketas empreende sozinho a viagem ao reino da Morte.

Para entendermos o porquê do início da jornada que o jovem empreende, cabe lembrar que a palavra empenhada tem, na cultura hindu, um peso que não encontra paralelo na nossa. Se o pai disse o que disse, o filho precisa cumprir e ponto. Não há nenhum questionamento ulterior possível.

Levamos nossa vidinha material muito a sério, chorando quando nossos brinquedos quebram, nos assustando com filmes violentos, nos emocionando com telenovelas, nos preocupando com futilidades.

Acontece, porém, que Yama está ausente e o jovem precisa aguardar à sua porta por três dias e três noites sem comer. Ao voltar, o deus percebe que, como Naciketas não recebeu as homenagens a ele devidas, como hóspede e vítima de um sacrifício, gerou uma dívida que decide pagar concedendo-lhe três pedidos.

Naciketas pede em primeiro lugar poder voltar para casa e para seu pai, feliz. Em segundo lugar, pede para entender o significado oculto do ritual do fogo. Em terceiro lugar, busca saber o mistério da vida além da morte.

O Tema da Morte

O deus concede-lhe os dois primeiros pedidos, mas testa o jovem em relação ao terceiro, oferecendo-lhe, em troca dele, muitos séculos de vida, inúmeros descendentes, riquezas inimagináveis e mulheres belíssimas, fora do alcance dos mortais.

No entanto, Naciketas persevera em sua ideia original, pois sabe que as coisas percebidas pelos sentidos são transitórias, e ele está em busca do conhecimento eterno. As coisas do mundo material são insignificantes e sem valor para ele. Yama, impressionado pela determinação do jovem, aquiesce em lhe ensinar. Então Yama fala-lhe sobre o valor absoluto que nós, ignorantes, colocamos em coisas finitas e relativas:

“A passagem [a morte] não está clara para aqueles com mentalidade infantil, ofuscados pelas ilusões do mundo material. Pensando “este é o mundo real! Não há nada além dele!”, eles voltam vezes e mais vezes a ficar sob meu controle [continuam presos na roda do *samsāra*, ciclo de mortes e renascimentos sucessivos]”. II:6. Aqui Yama aborda a questão matéria-espírito de maneira tão direta que pode parecer incompreensível para o leitor desatento. O deus instrui o jovem sobre a natureza do Ser e o processo de conhecimento do que está além dela, numa progressão gnosiológica típica do Yoga.

Prioridades: felicidade ou prazer?

Quando Yama diz que há pessoas com mentalidade infantil, quer dizer que levamos nossa vidinha material muito a sério, chorando quando nossos brinquedos quebram, nos assustando com filmes violentos, nos emocionando com telenovelas, nos preocupando com futilidades. Mal sabia Yama que nos dias atuais, pessoas de qualquer idade, como crianças, buscam validação e felicidade em coraçõezinhos e rostos amarelos sorridentes em telas de computador e telefones. Somos crianças grandes. Crianças num parque de diversões.

O único que muda é que, conforme crescemos, nossos brinquedos vão ficando maiores e mais caros. Estamos tão absorvidos pelas coisas do mundo material que não conseguimos sequer suspeitar que existe algo muito além dele. É por isso que é mais fácil negar aquilo que o Ser não é, ao invés de especular sobre o que ele é.

No início somos crianças mesmo. Não temos experiência para saber que o mundo não é unidimensional e estamos *a priori* desculpados por isso. Se nossos únicos contatos forem com outras crianças que também desconhecem a profundidade da existência, ficaremos sempre no mesmo nível e continuaremos a viver nossas vidas achando que a felicidade depende de nossos brinquedos.

As diferentes experiências criam impressões na mente que não nos permitem ver mais além das aparências, e acabamos por nos transformar em crianças grandes, mantendo intactas a ignorância e a conduta infantil. Assim, o mundo limitado que acabamos criando para nós mesmos através das nossas conquistas e derrotas no plano material, transforma-se na nossa única realidade, na qual ficamos girando e girando, presos no nosso parquinho de diversões particular.

E assim, a vida passa. *Śreyas* e *preyas*, a felicidade e o prazer, são opções que aparecem diante do ser humano. Felicidade é para sempre. Prazer é imediato, e imediatamente acaba. O que é sábio escolher? Esse aprendizado é o que o

Naciketas precisa: como viver a vida, como construir o caráter, como viver o *dharma* no cotidiano.

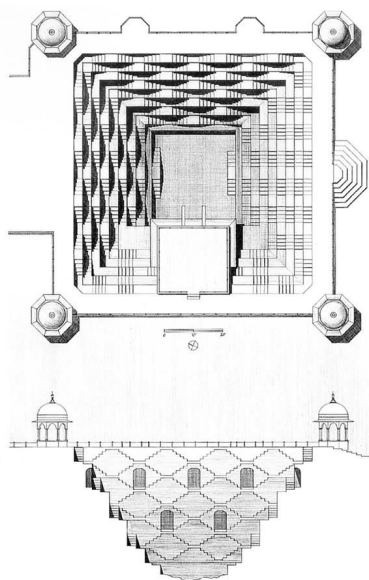
Como você perceberá pelo tom no final desta primeira parte, a *Kaṭha* parece concluir-se aqui. O erudito S. Radhakrishnan sugere que o *Dvitiyādhyaṃya*, a segunda parte, com seus três capítulos, pode ser uma adição posterior. Essa segunda parte constitui uma unidade em si própria, com um método de Yoga bastante mais técnico e detalhado que o que aparece no *Prathamādhyaṃya*, a primeira parte.

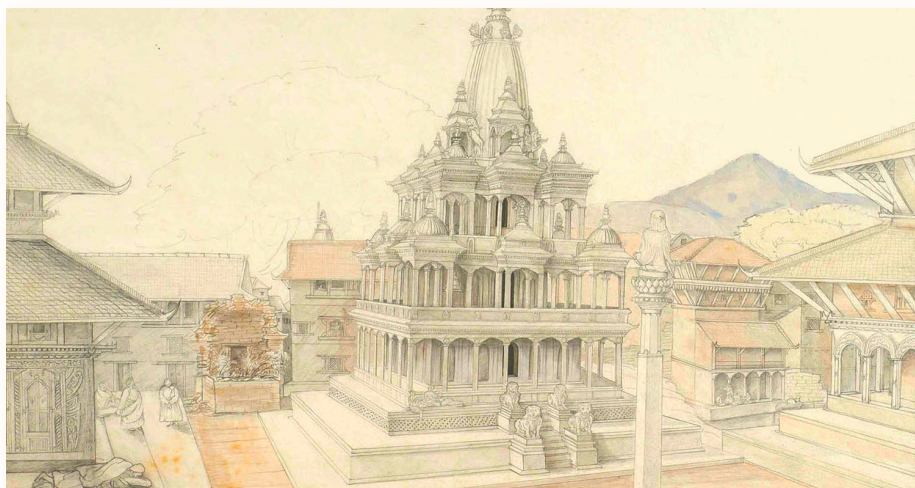
Assim como em outras traduções que fizemos anteriormente, utilizamos o recurso de reconstituição de texto usando colchetes com o objetivo de acrescentar contexto e facilitar a compreensão. Boa leitura.

॥ हरिः ॐ ॥

Pedro Kupfer.

São Pedro da Cadeira, Junho, 2026.





ॐ

कठोपनिषत्

अथ कठोपनिषत्

Kaṭhopaniṣad

Aqui inicia a *Kaṭhopaniṣad*



ॐ सह नाववतु । सह नौ भुनक्तु । सहवीर्यं करवावहै ।

तेजस्वि नावधीतमस्तु । मा विद्विषावहै ॥ ॐ शान्तिः शान्तिः शान्तिः ॥

om saha nāvavatu | saha nau bhunaktu | sahavīryam karavāvahai |
tejasvi nāvadhītamastu | mā vidviṣāvahai || om śāntiḥ śāntiḥ śāntiḥ ||

Invocação da Paz.

Om. Que Ele (Īśvara) proteja nós dois. Que Ele esteja feliz conosco.
Que possamos trabalhar juntos com vigor. Que a visão nos ilumine.
Que nunca confundamos nossos papéis. Om. Que haja paz, paz, paz.





Prathamādhya — Primeira Parte



Valli (Canto) 1

ॐ उशन् ह वै वाजश्रवसः सर्ववेदसं ददौ ।

तस्य ह नचिकेता नाम पुत्र आस ॥ १ ॥

om uśan ha vai vājaśravasaḥ sarvavedasaṁ dadau |
tasya ha naciketā nāma putra āsa || 1 ||

A História de Naciketas.

Om. Conta-se que, uma vez, com grande zelo, o brâmane Vājāśravasa doou tudo o que possuía. Ele tinha um filho chamado Naciketas.” || 1 ||

तं ह कुमारं सन्तं दक्षिणासु
नीयमानासु श्रद्धाविवेश सोऽमन्यत ॥ २ ॥

taṁ ha kumāraṁ santaṁ dakṣiṇāsu
nīyamānāsu śraddhāviveśa so'manyata || 2 ||

Enquanto os presentes eram doados aos sacerdotes, entusiasticamente a confiança fez-se presente nele, que pensou: || 2 ||

पीतोदका जग्धतृणा दुग्धदोहा निरिन्द्रियाः ।
अनन्दा नाम ते लोकास्तान् स गच्छति ता ददत् ॥ ३ ॥

pītodakā jagdhatṛṇā dugdhadohā nirindriyāḥ |
anandā nāma te lokāstān sa gacchati tā dadat || 3 ||

“Beberam sua água. Comeram sua grama. Seu leite foi ordenhado. Sua vitalidade foi exaurida. Qual é o mérito em doar essas [velhas] vacas? Certamente, sem alegria é o lugar para onde vá quem dá esses presentes sem valor.” || 3 ||

स होवाच पितरं तत कस्मै मां दास्यसीति ।

द्वितीयं तृतीयं तं होवाच मृत्यवे त्वा ददामीति ॥ ४ ॥

sa hovāca pitaraṁ tata kasmai mām dāsyasīti |

dvitīyaṁ tṛtīyaṁ taṁ hovāca mṛtyave tvā dadāmīti || 4 ||

Então, dirigindo-se ao seu pai, disse-lhe uma vez, duas vezes e três vezes: “Pai, para quem você me dará em sacrifício?” Seu pai, [em cólera,] respondeu: “Dar-te-ei para a Morte!” || 4 ||

बहूनामेमि प्रथमो बहूनामेमि मध्यमः ।

किं स्विद्यमस्य कर्तव्यं यन्मयाऽद्य करिष्यति ॥ ५ ॥

bahūnāmemi prathamo bahūnāmemi madhyamaḥ |

kiṁ svidyamasya kartavyaṁ yanmayā'dya kariṣyati || 5 ||

Naciketas na casa da Morte.

[Naciketas pensa: “Ao encontro da Morte] vou, o primeiro dentre muitos que morrerão, em meio a muitos que estão morrendo. Que fará a Morte comigo hoje?” || 5 ||

अनुपश्य यथा पूर्वे प्रतिपश्य तथाऽपरे ।

सस्यमिव मर्त्यः पच्यते सस्यमिवाजायते पुनः ॥ ६ ॥

anupaśya yathā pūrve pratipaśya tathā'pare |

sasyamiva martyaḥ pacyate sasyamivājāyate punaḥ || 6 ||

“Olhando para frente, vejo os que já morreram. Olhando para trás, vejo os que ainda estão vivos. Como o grão, o homem nasce. Como o grão, renasce outra vez”. || 6 ||

वैश्वानरः प्रविशत्यतिथिर्ब्राह्मणो गृहान् ।

तस्यैतां शान्तिं कुर्वन्ति हर वैवस्वतोदकम् ॥ ७ ॥

vaiśvānaraḥ praviśatyatithirbrāhmaṇo gr̥hān |
tasyaitāṁ śāntim kurvanti hara vaivasvatodakam || 7 ||

“Um hóspede que entra em casa de seu anfitrião, como uma chama brilhante, deve ser bem recebido. Prepara a água para as oferendas, ó Filho do Sol!” || 7 ||

आशाप्रतीक्षे संगतं सूनृतां चेष्टापूर्ते पुत्रपशूँश्च सर्वान् ।
एतद्भुङ्क्ते पुरुषस्याल्पमेधसो यस्यानश्नन्वसति ब्राह्मणो गृहे ॥ ८ ॥

āśāpratīkṣe saṁgataṁ sūnṛtāṁ ceṣṭāpūrte putrapaśūṁśca sarvān |
etadvṛṅkte puruṣasyālpamedhaso yasyānāśnanvasati brāhmaṇo gr̥he || 8 ||

[Yama, o deus da Morte, está ausente. Naciketas deve aguardar três dias e três noites à sua porta. Enquanto isso, lembra:] “Esperança e felicidade, amizade e alegria, sacrifício e boas ações, progênie e riquezas são tomados daquele que falha em seus deveres para com seus hóspedes.” || 8 ||

तिस्रो रात्रीर्यदवात्सीगृहे मेऽनश्नन् ब्रह्मन्नतिथिर्नमस्यः ।
नमस्तेऽस्तु ब्रह्मन् स्वस्ति मेऽस्तु तस्मात्प्रति त्रीन्वरान्वृणीष्व ॥ ९ ॥

tisro rātrīryadavātsīgr̥he me’naśnan brahmannatithirnamasyaḥ |
namaste’stu brahman svasti me’stu tasmātprati trīnvarānvṛṇīṣva || 9 ||

[Ao voltar, a Morte encontra o jovem e diz-lhe:] “Como tu, honorável hóspede, ficaste à minha porta sem água nem alimento por três noites, concedo-te três pedidos para compensar minha falha. Podes escolher.” || 9 ||

शान्तसंकल्पः सुमना यथा स्याद् वीतमन्युर्गौतमो माऽभि मृत्यो ।
त्वत्प्रसृष्टं माऽभिवदेत्प्रतीत एतत् त्रयाणां प्रथमं वरं वृणे ॥ १० ॥

śāntasaṁkalpaḥ sumanā yathā syād vītamanyurgautamo mā’bhi mṛtyo |
tvatprasṛṣṭaṁ mā’bhivadetpratīta etat trayāṇāṁ prathamam varam vṛṇe || 10 ||

O primeiro pedido de Naciketas: voltar para casa.

[Naciketas disse:] “O primeiro dos meus três desejos é este: quero voltar para casa e que Gautama, meu pai, me receba com carinho. Desejo que sua cólera desapareça e que seja amoroso comigo.” || 10 ||

यथा पुरस्ताद् भविता प्रतीत औद्दालकिरारुणिर्मत्प्रसृष्टः ।

सुखं रात्रीः शयिता वीतमन्युः त्वां ददृशिवान्मृत्युमुखात् प्रमुक्तम् ॥ ११ ॥

yathā purastād bhavitā pratīta auddālakirāruṇirmatprasṛṣṭaḥ |

sukhaṁ rātrīḥ śayitā vītamanyuḥ tvāṁ dadṛśivānmṛtyumukhāt pramuktam || 11 ||

[Respondeu a Morte:] “Eu garanto que teu pai, filho de Auddālaki e Aruṇa, estará feliz contigo como antes. Alegre dormirá suas noites ao ver que voltaste das garras da Morte”. || 11 ||

स्वर्गे लोके न भयं किञ्चनास्ति न तत्र त्वं न जरया बिभेति ।

उभे तीर्त्वाऽशनायापिपासे शोकातिगो मोदते स्वर्गलोके ॥ १२ ॥

svarge loka na bhayaṁ kiñcanāsti na tatra tvaṁ na jarayā bibheti |

ubhe tīrtvā’śanāyāpipāse śokātigo modate svargaloke || 12 ||

O segundo pedido de Naciketas: aprender o ritual do fogo.

[Disse Naciketas:] “No mundo celestial não há lugar para o medo. Nem para ti. Nem para a velhice. Havendo transcendido os pares de opostos, havendo ido além do sofrimento, pode-se alcançar esse mundo celestial”. || 12 ||

स त्वमग्निं स्वर्ग्यमध्येषि मृत्यो प्रब्रूहि त्वं श्रद्धधानाय मह्यम् ।

स्वर्गलोका अमृतत्वं भजन्त एतद् द्वितीयेन वृणे वरेण ॥ १३ ॥

sa tvamagniṁ svargyamadhyeṣi mṛtyo prabrūhi tvaṁ śraddadhānāya mahyam |

svargalokā amṛtatvaṁ bhajanta etad dvitīyena vṛṇe vareṇa || 13 ||

“Tu, ó Morte, conheces o ritual do fogo que conduz ao mundo celestial. Instrui-me, pois confio em ti. Aquele que conhece o segredo do fogo, conhece a imortalidade. Este é meu segundo pedido”. || 13 ||

प्र ते ब्रवीमि तदु मे निबोध स्वर्ग्यमग्निं नचिकेतः प्रजानन् ।

अनन्तलोकाप्तिमथो प्रतिष्ठां विद्धि त्वमेतं निहितं गुहायाम् ॥ १४ ॥

pra te bravāmi tadu me nibodha svargyamagniṁ naciketaḥ prajānan |

anantalokāptimatho pratiṣṭhāṁ viddhi tvametaṁ nihitaṁ guhāyām || 14 ||

[Respondeu a Morte:] “Conheço bem o fogo que conduz a *svarga*, o paraíso. Te ensinarei. Aprende comigo, Naciketas. Conhece aquele fogo que é o meio para

alcançar *anantaloka*, [o paraíso,] o pilar que sustenta o mundo, que está escondido [no coração]”. || 14 ||

लोकादिमग्निं तमुवाच तस्मै या इष्टका यावतीर्वा यथा वा ।
स चापि तत्प्रत्यवदद्यथोक्तं अथास्य मृत्युः पुनरेवाह तुष्टः ॥ १५ ॥

lokādimagnim tamuvāca tasmai yā iṣṭakā yāvatīrvā yathā vā |
sa cāpi tatpratyavadadyathoktaṁ athāsya mṛtyuḥ punarevāha tuṣṭaḥ || 15 ||

Assim, a Morte ensinou a Naciketas os segredos do ritual do fogo, bem como a construir o altar que espelha o eixo do mundo, usando o número correto de tijolos e sua disposição adequada. Quando o jovem repetiu-lhe a lição, Yama ficou muito satisfeito. || 15 ||

तमब्रवीत् प्रीयमाणो महात्मा वरं तवेहाद्य ददामि भूयः ।
तवैव नाम्ना भविताऽयमग्निः सृङ्कां चेमामनेकरूपां गृहाण ॥ १६ ॥

tamabravīt prīyamāṇo mahātmā varaṁ tavehādyā dadāmi bhūyaḥ |
tavaiva nāmnā bhavitā’yamagniḥ sṛṅkāṁ cemāmanekarūpāṁ gr̥hāṇa || 16 ||

O grande Ser (Yama) disse: “Tenho uma dádiva para te fazer: a partir deste momento, o ritual do fogo chamar-se-á por teu nome. Aceita igualmente esta guirlanda múltipla”. || 16 ||

त्रिणाचिकेतस्त्रिभिरेत्य सन्धिं त्रिकर्मकृत्तरति जन्ममृत्यू ।
ब्रह्मजज्ञं देवमीड्यं विदित्वा निचाय्येमाँ शान्तिमत्यन्तमेति ॥ १७ ॥

triṇāciketastribhiretya sandhim trikarmakṛttarati janmamṛtyū |
brahmajajñāṁ devamīdyaṁ viditvā nicāyyemāṁ śāntimatyantameti || 17 ||

“Aqueles que acenderem o fogo de Naciketas por três vezes, que entrarem em união com os três [pai, mãe e mestre] e que fizerem os três atos [ritual, estudo e caridade], elevar-se-ão acima da vida e da morte. Conhecendo o Fogo que emana de Brahman, o Ilimitado, alcançarão a paz perfeita”. || 17 ||

त्रिणाचिकेतस्त्रयमेतद्विदित्वा य एवं विद्वाँश्चिनुते नाचिकेतम् ।
स मृत्युपाशान् पुरतः प्रणोद्य शोकातिगो मोदते स्वर्गलोके ॥ १८ ॥

triṇāciketastrayametadvīditvā ya evaṁ vidvāṁśchinute nāciketam |
sa mṛtyupāśān purataḥ praṇodya śokātigo modate svargaloke || 18 ||

“Os sábios que cumprirem este tríplice dever, cientes do seu significado, romperão os laços da morte e do sofrimento e regozijar-se-ão no mundo celestial”. || 18 ||

एष तेऽग्निरनचिकेतः स्वर्ग्यो यमवृणीथा द्वितीयेन वरेण ।

एतमग्निं तवैव प्रवक्ष्यन्ति जनासः तृतीयं वरं नचिकेतो वृणीष्व ॥ १९ ॥

eṣa te'gnirnaciketaḥ svargyo yamavṛṇīthā dvitīyena vareṇa |

etamagniṁ tavaiva pravakṣyanti janāsaḥ tṛtīyaṁ varaṁ naciketo vṛṇīṣva || 19 ||

“Este é o Fogo que conduz à paz, teu segundo pedido. Este ritual será conhecido por teu nome. Escolhe agora, ó Naciketas, o terceiro”. || 19 ||

येयं प्रेते विचिकित्सा मनुष्ये- ऽस्तीत्येके नायमस्तीति चैके ।

एतद्विद्यामनुशिष्टस्त्वयाऽहं वराणामेष वरस्तृतीयः ॥ २० ॥

yeyaṁ prete vicikitsā manuṣye'śtītyeke nāyamastīti caike |

etadvidyāmanuśiṣṭastvayā'haṁ varāṇāmeṣa varastṛtīyaḥ || 20 ||

O terceiro pedido de Naciketas: autoconhecimento.

[Disse Naciketas:] “Quando alguém morre, as pessoas afirmam: ‘ele ainda existe’ ou ‘ele deixou de existir’. Gostaria de ser instruído a esse respeito. Dos meus pedidos, este é o terceiro”. || 20 ||

देवैरत्रापि विचिकित्सितं पुरा न हि सुविज्ञेयमणुरेष धर्मः ।

अन्यं वरं नचिकेतो वृणीष्व मा मोपरोत्सीरति मा सृजैनम् ॥ २१ ॥

devairatrāpi vicikitsitaṁ purā na hi suvijñeyamaṇureṣa dharmah |

anyaṁ varaṁ naciketo vṛṇīṣva mā moparotsīrati mā sṛjainam || 21 ||

[Respondeu a Morte:] “Até mesmo os deuses têm dúvidas em relação a isso, pois o segredo da morte é muito difícil de se conhecer. Naciketas, faça outro pedido e liberte-me de minha promessa”. || 21 ||

देवैरत्रापि विचिकित्सितं किल त्वं च मृत्यो यन्न सुज्ञेयमात्थ ।

वक्ता चास्य त्वादृगन्यो न लभ्यो नान्यो वरस्तुल्य एतस्य कश्चित् ॥ २२ ॥

devairatrāpi vicikitsitaṁ kila tvaṁ ca mṛtyo yanna sujñeyamāttha |

vaktā cāsyā tvāḍṛganyo na labhyo nānyo varastulya etasya kaścit || 22 ||

[Disse Naciketas:] “Até mesmo os deuses têm dúvidas em relação a isso, e tu, ó Morte, dizes que esse segredo não é fácil de se compreender. Eu não poderia ter melhor mestre que tu. Não há outro pedido que queira fazer.” || 22 ||

शतायुषः पुत्रपौत्रान्वृणीष्व बहून्पशून् हस्तिहिरण्यमश्वान् ।
भूमेर्महदायतनं वृणीष्व स्वयं च जीव शरदो यावदिच्छसि ॥ २३ ॥

śatāyusaḥ putrapautrānvṛṇīṣvā bahūnpaśūn hastihiraṇyamāśvān |
bhūmermahadāyatanam vṛṇīṣva svayaṁ ca jīva śarado yāvadicchasi || 23 ||

[A Morte disse:] “Escolhe ter filhos e netos centenários. Escolhe rebanhos de gado, elefantes e cavalos. Escolhe ouro e terras infindáveis. Escolhe viver tantos outonos quanto queiras”. || 23 ||

एतत्तुल्यं यदि मन्यसे वरं वृणीष्व वित्तं चिरजीविकां च ।
महाभूमौ नचिकेतस्त्वमेधि कामानां त्वा कामभाजं करोमि ॥ २४ ॥

etattulyaṁ yadi manyase varaṁ vṛṇīṣva vittaṁ cirajīvikāṁ ca |
mahābhūmau naciketastvamedhi kāmānāṁ tvā kāmabhājaṁ karomi || 24 ||

“Escolhe o mais desejável que possas conceber: riquezas e uma longa vida! Podes, Naciketas, ser o rei de um grande reino. Dar-te-ei a capacidade de desfrutar os prazeres da vida”. || 24 ||

ये ये कामा दुर्लभा मर्त्यलोके सर्वान् कामाँश्छन्दतः प्रार्थयस्व ।
इमा रामाः सरथाः सतूर्या न हीदृशा लम्बनीया मनुष्यैः ।
आभिर्मत्प्रताभिः परिचारयस्व नचिकेतो मरणं माऽनुप्राक्षीः ॥ २५ ॥

ye ye kāmā durlabhā martyaloke sarvān kāmāṁśchandataḥ prārthayasva |
imā rāmāḥ sarathāḥ satūryā na hīdṛśā lambhanīyā manuṣyaiḥ |
ābhirmatprattābhiḥ paricārayasva naciketo maraṇam mā’nuprākṣīḥ || 25 ||

“Pede-me mulheres tão belas como nenhum mortal viu antes. Andando em carruagens, destrás em música, prontas para atender teus desejos. Por favor, Naciketas, não me peças que te revele o segredo da Morte”. || 25 ||

श्वोभावा मर्त्यस्य यदन्तकैतत् सर्वेन्द्रियाणां जरयन्ति तेजः ।
अपि सर्वं जीवितमल्पमेव तवैव वाहास्तव नृत्यगीते ॥ २६ ॥

śvobhāvā martyasya yadantakaitat sarveṁdriyāṇāṁ jarayaṁti tejaḥ |
api sarvaṁ jīvitamalpameva tavaiva vāhāstava nṛtyagīte || 26 ||

[Naciketas replicou:] “Coisas efêmeras! Elas tiram o vigor dos sentidos. Fica com
tuas dançarinas, tua música e tuas carruagens”. || 26 ||

न वित्तेन तर्पणीयो मनुष्यो लप्स्यामहे वित्तमद्राक्ष्म चेत्वा ।
जीविष्यामो यावदीशिष्यसि त्वं वरस्तु मे वरणीयः स एव ॥ २७ ॥

na vittena tarpaṇīyo manuṣyo lapsyāmahe vittamadrākṣma cettvā |
jīviṣyāmo yāvadīśiṣyasi tvaṁ varastu me varaṇīyaḥ sa eva || 27 ||

“As riquezas não tornam feliz o homem. Como posso escolher o ouro, havendo
visto tua face? Poderia eu viver além do tempo em que reinas? Meu pedido
continua o mesmo”. || 27 ||

अजीर्यताममृतानामुपेत्य जीर्यन्मर्त्यः क्वधःस्थः प्रजानन् ।
अभिध्यायन् वर्णरतिप्रमोदान् अतिदीर्घे जीविते को रमेत ॥ २८ ॥

ajīryatāmamṛtānāmupetya jīryanmartyaḥ kvadhaḥsthaḥ prajānan |
abhidhyāyan varṇaratipramodān atidīrghe jīvite ko rameta || 28 ||

“Havendo estado em presença de um imortal como tu, como poderia eu, suscetível
à doença e à morte, me deliciar numa vida de prazeres e beleza para satisfazer
meus sentidos?”. || 28 ||

यस्मिन्निदं विचिकित्सन्ति मृत्यो यत्साम्पराये महति ब्रूहि नस्तत् ।
योऽयं वरो गूढमनुप्रविष्टो नान्यं तस्मान्नचिकेता वृणीते ॥ २९ ॥

yasminnidam vicikitsanti mṛtyo yatsāmparāye mahati brūhi nastat |
yo’yaṁ varo gūḍhamanupraviṣṭo nānyaṁ tasmānnaciketā vṛṇīte || 29 ||

“Responde por favor a minha dúvida, ó rei da Morte: após morrer, a pessoa vive
ou não? Naciketas nada deseja além da revelação deste grande mistério”. || 29 ||

॥ इति काठकोपनिषदि प्रथमाध्याये प्रथमा वल्ली ॥

|| iti kāṭhakopaniṣadi prathamādhyāye prathamā vallī ||

Aqui conclui-se o primeiro canto da primeira parte da *Kāṭhopaniṣad*.



Valli (Canto) 2

अन्यच्छ्रेयोऽन्यदुतैव प्रेयस्ते उभे नानार्थे पुरुषं सिनीतः ।

तयोः श्रेय आददानस्य साधु भवति हीयतेऽर्थाद्य उ प्रेयो वृणीते ॥ १ ॥

anyacchreyo'nyadutaiva preyaste ubhe nānārthe puruṣaṁ sinītaḥ |
tayoḥ śreya ādadānasya sādhu bhavati hīyate'rthādya u preyo vṛṇīte || 1 ||

Felicidade ou prazer?

[Havendo testado o jovem Naciketas e, achando-o preparado para receber o conhecimento, a Morte respondeu:] “Felicidade perene é uma coisa. Prazer efêmero, outra. Ambos, embora com propósitos diferentes, determinam as ações do homem. Tudo está bem para aquele que escolhe a felicidade perene. Falha quem escolhe o prazer efêmero”. || 1 ||

श्रेयश्च प्रेयश्च मनुष्यमेतः तौ सम्परीत्य विविनक्ति धीरः ।

श्रेयो हि धीरोऽभि प्रेयसो वृणीते प्रेयो मन्दो योगक्षेमाद्वृणीते ॥ २ ॥

śreyaśca preyaśca manuṣyametaḥ tau samparītya vivinakti dhīraḥ |
śreyo hi dhīro'bhi preyaso vṛṇīte preyo mando yogakṣemādvṛṇīte || 2 ||

“A felicidade perene e o prazer efêmero fluem em direção ao homem. Ponderando sobre ambos, o sábio discerne escolhe a felicidade. Procurando o conforto das coisas do mundo, o tolo escolhe o prazer”. || 2 ||

स त्वं प्रियान्प्रियरूपांश्च कामान् अभिध्यायन्नचिकेतोऽत्यस्त्राक्षीः ।

नैतां सृङ्कां वित्तमयीमवाप्तो यस्यां मज्जन्ति बहवो मनुष्याः ॥ ३ ॥

sa tvaṁ priyānpriyarūpāṁśca kāmān abhidhyāyannaciketo'tyasrākṣīḥ |
naitāṁ sṛṅkāṁ vittamayīmavāpto yasyāṁ majjanti bahavo manuṣyāḥ || 3 ||

“Tu, Naciketas, após correta ponderação, renunciaste às correntes do prazer efêmero e das riquezas, onde tantos humanos afundam”. || 3 ||

दूरमेते विपरीते विषूची अविद्या या च विद्येति ज्ञाता ।

विद्याभीप्सिनं नचिकेतसं मन्ये न त्वा कामा बहवोऽलोलुपन्त ॥ ४ ॥

dūramete viparīte viṣūcī avidyā yā ca vidyeti jñātā |

vidyābhīpsinaṁ naciketasam manye na tvā kāmā bahavo’lolupanta ॥ 4 ॥

“Ignorância e sabedoria: diametralmente opostas são estas duas. Considero-te Naciketas, digno de receber instrução, pois não foste tentado pelos prazeres mundanos”. ॥ 4 ॥

अविद्यायामन्तरे वर्तमानाः स्वयं धीराः पण्डितमन्यमानाः ।

दन्द्रम्यमाणाः परियन्ति मूढा अन्धेनैव नीयमाना यथान्धाः ॥ ५ ॥

avidyāyāmantare vartamānāḥ svayaṁ dhīrāḥ paṇḍitaṁmanyamānāḥ |

dandramyamānāḥ pariyanti mūḍhā andhenaiva nīyamānā yathāndhāḥ ॥ 5 ॥

“Ignorantes de sua própria ignorância, os tolos, cheios de si, considerando-se eruditos, vagueiam perdidos, como cegos guiados por cegos”. ॥ 5 ॥

न साम्परायः प्रतिभाति बालं प्रमाद्यन्तं वित्तमोहेन मूढम् ।

अयं लोको नास्ति पर इति मानी पुनः पुनर्वशमापद्यते मे ॥ ६ ॥

na sāmparāyaḥ pratibhāti bālaṁ pramādyantaṁ vittamohena mūḍham |

ayaṁ loko nāsti para iti mānī punaḥ punarvaśamāpadyate me ॥ 6 ॥

“A passagem [a morte] não está clara para aqueles com mentalidade infantil, ofuscados pelas ilusões do mundo material. Pensando “este é o mundo real! Não há nada além dele!”, eles voltam vezes e mais vezes a ficar sob meu controle [continuam presos na roda do *samsāra*, ciclo de mortes e renascimentos sucessivos]”. ॥ 6 ॥

श्रवणायापि बहुभिर्यो न लभ्यः शृण्वन्तोऽपि बहवो यं न विद्युः ।

आश्चर्यो वक्ता कुशलोऽस्य लब्धा आश्चर्यो ज्ञाता कुशलानुशिष्टः ॥ ७ ॥

śravaṇāyāpi bahubhiryo na labhyaḥ śṛṇvanto’pi bahavo yaṁ na vidyuh |

āścaryo vaktā kuśalo’sya labdhā āścaryo jñātā kuśalānuśiṣṭaḥ ॥ 7 ॥

Importância do mestre.

“Poucos conhecem o Ser. Menos ainda, dedicam as suas vidas a reconhecê-lo em si mesmos. Maravilhoso é aquele que fala sobre o Ser. Raro é aquele que torna o Ser a meta de sua vida. Abençoados são aqueles que, através de um mestre, alcançam a realização”. || 7 ||

न नरेणावरेण प्रोक्त एष सुविज्ञेयो बहुधा चिन्त्यमानः ।
अनन्यप्रोक्ते गतिरत्र नास्ति अणीयान् ह्यतर्क्यमाणुप्रमाणात् ॥ ८ ॥

na nareṇāvareṇa prokta eṣa suvijñeyo bahudhā cintyamānaḥ |
ananyaprokte gatiratra nāsti aṇīyān hyatarkyamaṇupramāṇāt || 8 ||

“A verdade sobre o Ser não pode obter-se através de alguém que não o percebeu como sendo a sua própria natureza. A mente não pode revelar o Ser. Para além das dualidades, aqueles que percebem a si mesmos em todos os seres e a todos os seres em si mesmos, auxiliam os demais a ter a revelação do Ser”. || 8 ||

नैषा तर्केण मतिरापनेया प्रोक्तान्येनैव सुज्ञानाय प्रेष्ठ ।
यां त्वमापः सत्यधृतिर्बतासि त्वादृङ्मो भूयान्नचिकेतः प्रष्टा ॥ ९ ॥

naiṣā tarkenā matirāpaneyā proktānyenaiva sujñānāya preṣṭha |
yām tvamāpaḥ satyadhṛtīrbatāsi tvādṛṅmo bhūyānnaciketaḥ praṣṭā || 9 ||

“Esta tomada de consciência não acontece através do raciocínio ou do estudo, mas da associação com um mestre realizado. Sábio és, Naciketas, pois estás em busca do Ser. Que possa haver mais buscadores como tu!” || 9 ||

जानाम्यहं शेषधिरित्यनित्यं न ह्यध्रुवैः प्राप्यते हि ध्रुवं तत् ।
ततो मया नाचिकेतश्चितोऽग्निः अनित्यैर्द्रव्यैः प्राप्तवानस्मि नित्यम् ॥ १० ॥

jānāmyaham śevadhīrityanityam na hyadhruvaiḥ prāpyate hi dhruvam tat |
tato mayā nāciketaścīto’gñiḥ anityairdravyaiḥ prāptavānasmī nityam || 10 ||

Importância da renúncia e da meditação.

[Disse Naciketas:] “Sei que os tesouros terrenos são efêmeros e que nunca alcançarei o Eterno através deles. Portanto, renunciei a todos meus desejos mundanos para conhecer o Ilimitado sob tua orientação”. || 10 ||

कामस्याप्तिं जगतः प्रतिष्ठां क्रतोरानन्त्यमभयस्य पारम् ।

स्तोममहदुरुगायं प्रतिष्ठां दृष्ट्वा धृत्या धीरो नचिकेतोऽत्यस्त्राक्षीः ॥ ११ ॥

kāmasyāptim jagataḥ pratiṣṭhām kratorānantyamabhayasya pāram |
stomamahadurugāyaṁ pratiṣṭhām dṛṣṭvā dhṛtyā dhīro naciketo'tyasrākṣīḥ ॥ 11 ॥

[Respondeu a Morte:] “Coloquei a teu alcance, Naciketas, a satisfação de todos os desejos terrenos: fama e poder para reinar sobre a terra, prazeres divinos obtidos pela prática espiritual e a outra margem, onde não há medo. A todos estes, com determinação e sabedoria, renunciaste”. ॥ 11 ॥

तं दुर्दर्शं गूढमनुप्रविष्टं गुहाहितं गह्वरेष्ठं पुराणम् ।

अध्यात्मयोगाधिगमेन देवं मत्वा धीरो हर्षशोकौ जहाति ॥ १२ ॥

taṁ durdarśaṁ gūḍhamanupraviṣṭaṁ guhāhitaṁ gahvareṣṭhaṁ purāṇam |
adhyātmayogādhigamena devaṁ matvā dhīro harṣaśokau jahāti ॥ 12 ॥

“O sábio, percebendo em sua meditação o Ser eterno, difícil de se ver, que reside profundamente escondido no lugar secreto [o coração]”, deixa para trás o sofrimento e o prazer [junto com todas as demais dualidades].” ॥ 12 ॥

एतच्छ्रुत्वा सम्परिगृह्य मर्त्यः प्रवृह्य धर्म्यमणुमेतमाप्य ।

स मोदते मोदनीयं हि लब्ध्वा विवृतं सद्य नचिकेतसं मन्ये ॥ १३ ॥

etacchrutvā samparigrhya martyaḥ pravṛhya dharmyamāṇumetamāpya |
sa modate modanīyaṁ hi labdhvā vivṛtaṁ sadma naciketasam manye ॥ 13 ॥

“Aqueles que percebem a si próprios, não como corpo ou mente, mas como o Ser ilimitado, princípio sagrado da existência, encontram a fonte de toda felicidade e residem nela. Percebo que as portas dessa felicidade estão abrindo-se para ti, Naciketas.” ॥ 13 ॥

अन्यत्र धर्मादन्यत्राधर्मादन्यत्रास्मात्कृताकृतात् ।

अन्यत्र भूताच्च भव्याच्च यत्तत्पश्यसि तद्वद ॥ १४ ॥

anyatra dharmādanyatrādharmādanyatrāsmātkṛtākṛtāt |
anyatra bhūtācca bhavyācca yattatpasyasi tadvada ॥ 14 ॥

[Naciketas pediu:] “Instrui-me sobre Aquele que está mais além do certo e do errado, da causa e do efeito, do passado e do futuro”. ॥ 14 ॥

सर्वे वेदा यत्पदमामनन्ति तपांसि सर्वाणि च यद्वदन्ति ।

यदिच्छन्तो ब्रह्मचर्यं चरन्ति तत्ते पदं संग्रहेण ब्रवीम्यमित्येतत् ॥ १५ ॥

sarve vedā yatpadamāmananti tapāṁsi sarvāṇi ca yadvadanti |
yadicchanto brahmacaryaṁ caranti tatte padam
saṁgrahaṇa bravīmyomityetat ॥ 15 ॥

O mantra Om̐ como veículo para a liberdade.

[Yama replicou:] “Explicar-te-ei resumidamente a meta declarada pelos Vedas, o objetivo de todas as austeridades, que os homens realizam ao levar uma vida de continência. Essa meta é a sílaba sagrada [Om̐]”. ॥ 15 ॥

एतद्ध्येवाक्षरं ब्रह्म एतद्ध्येवाक्षरं परम् ।

एतद्ध्येवाक्षरं ज्ञात्वा यो यदिच्छति तस्य तत् ॥ १६ ॥

etaddhyevākṣaraṁ brahma etaddhyevākṣaraṁ param |
etaddhyevākṣaraṁ jñātvā yo yadicchatī tasya tat ॥ 16 ॥

“Essa sílaba sagrada é, em verdade, o invariável Brahman. Esta sílaba é a meta mais elevada. Quem a conhece, realiza todos seus objetivos”. ॥ 16 ॥

एतदालम्बनं श्रेष्ठमेतदालम्बनं परम् ।

एतदालम्बनं ज्ञात्वा ब्रह्मलोके महीयते ॥ १७ ॥

etadālambanaṁ śreṣṭhametadālambanaṁ param |
etadālambanaṁ jñātvā brahmaloke mahīyate ॥ 17 ॥

“Ela é o melhor apoio, o mais elevado sustento. Quem conhece este esteio reside feliz no mundo de Brahman”. ॥ 17 ॥

न जायते म्रियते वा विपश्चिन् नायं कुतश्चिन् बभूव कश्चित् ।

अजो नित्यः शाश्वतोऽयं पुराणो न हन्यते हन्यमाने शरीरे ॥ १८ ॥

na jāyate mriyate vā vipaścīn nāyaṁ kutaścīna babhūva kaścit |
ajo nityaḥ śāśvato’yaṁ purāṇo na hanyate hanyamāne śarīre ॥ 18 ॥

A Revelação do Ser, Ilimitado e Invariável.

“O Ser, que é Todo-o-Conhecimento, não nasceu nem morrerá. Estando além de causa e efeito, é imutável, invariável e eterno. Ele não perece quando o corpo se extingue”. || 18 ||

हन्ता चेन्मन्यते हन्तुं हतश्चेन्मन्यते हतम् ।

उभौ तौ न विजानीतो नायं हन्ति न हन्यते ॥ १९ ॥

hantā cenmanyate hantum hataścenmanyate hatam |
ubhau tau na vijānīto nāyaṁ hanti na hanyate || 19 ||

Continua Yamarāja com a instrução: “Se aquele que mata acredita poder matar e aquele que morre acredita poder morrer, ambos ignoram a verdade. Ninguém mata. Ninguém pode ser morto”. || 19 ||

अणोरणीयान्महतो महीया- नात्माऽस्य जन्तोर्निहितो गुहायाम् ।

तमक्रतुः पश्यति वीतशोको धातुप्रसादान्महिमानमात्मनः ॥ २० ॥

aṇoraṇīyānmaḥato mahīyānātmā'sya jantornihito guhāyām |
tamakratuḥ paśyati vītaśoko dhātuprasādānmahimānamātmanah || 20 ||

“Menor que o infinitesimal, maior que o grandioso, o Ser vive no coração de todas as criaturas. Aquele que domina seus desejos, liberta-se de todo sofrimento e, com a mente e os sentidos em paz, percebe a grandeza do Ser”. || 20 ||

आसीनो दूरं व्रजति शयानो याति सर्वतः ।

कस्तं मदामदं देवं मदन्यो ज्ञातुमर्हति ॥ २१ ॥

āsīno dūraṁ vrajati śayāno yāti sarvataḥ |
kastaṁ madāmadam devaṁ madanyo jñātumarhati || 21 ||

“Embora o corpo fique parado durante a meditação, o Ser exerce sua influência em qualquer lugar. Ainda que permaneça quieto, movimenta tudo em todos os lugares”. || 21 ||

अशरीरं शरीरेष्वनवस्थेष्ववस्थितम् ।

महान्तं विभुमात्मानं मत्वा धीरो न शोचति ॥ २२ ॥

aśarīraṁ śarīreṣvanavastheṣvavasthitam |
mahāntaṁ vibhumātmānaṁ matvā dhīro na śocati || 22 ||

“Transcende o sofrimento o sábio que percebe o Ser, sem forma no mundo das formas, imutável em meio à mudança, ilimitado e supremo”. || 22 ||

नायमात्मा प्रवचनेन लभ्यो न मेधया न बहुना श्रुतेन ।
यमेवैष वृणुते तेन लभ्यः तस्यैष आत्मा विवृणुते तनूँ स्वाम् ॥ २३ ॥

nāyamātmā pravacanena labhyo na medhayā na bahunā śrutena |
yamevaiṣa vṛṇute tena labhyaḥ tasyaiṣa ātmā vivṛṇute tanūm svām || 23 ||

“O Ser não pode conhecer-se através do estudo das escrituras, nem usando o intelecto, nem ouvindo discursos eruditos. O Ser pode ser percebido por aqueles que ele mesmo escolhe. Verdadeiramente, é unicamente a eles que o Ser se revela”. || 23 ||

नाविरतो दुश्चरितान्नाशान्तो नासमाहितः ।
नाशान्तमानसो वाऽपि प्रज्ञानेनैनमाप्नुयात् ॥ २४ ॥

nāvirato duṣcaritānnāśānto nāsamāhitaḥ |
nāśāntamānaso vā’pi prajñānenainamāpnuyāt || 24 ||

“O Ser não pode ser conhecido por aqueles que não tenham desistido do erro, nem por aqueles que não dominem seus sentidos, nem por aqueles que não sejam pacíficos, nem por aqueles incapazes de concentrar a própria mente”. || 24 ||

यस्य ब्रह्म च क्षत्रं च उभे भवत ओदनः ।
मृत्युर्यस्योपसेचनं क इत्था वेद यत्र सः ॥ २५ ॥

yasya brahma ca kṣatraṁ ca ubhe bhavata odanaḥ |
mr̥tyuryasyopasecanaṁ ka itthā veda yatra saḥ || 25 ||

“Ninguém mais conhece o Ilimitado, cuja glória supera os rituais dos sacerdotes, a coragem dos guerreiros, e que vence até mesmo a própria morte”. || 25 ||

इति काठकोपनिषदि प्रथमाध्याये द्वितीया वल्ली ॥

iti kāṭhakopaniṣadi prathamādhyaṇḍe dviṭīyā vallī ॥

Aqui conclui-se o segundo canto da primeira parte da *Kaṭhopaniṣad*.



Valli (Canto) 3

ऋतं पिबन्तौ सुकृतस्य लोके गुहां प्रविष्टौ परमे परार्धे ।

छायातपौ ब्रह्मविदो वदन्ति पञ्चाग्नयो ये च त्रिणाचिकेताः ॥ १ ॥

ṛtaṁ pibantau sukr̥tasya loke guhāṁ praviṣṭau parame parārdhe |
chāyātapau brahmavido vadanti pañcāgnayo ye ca triṇāciketāḥ ॥ 1 ॥

O Ser e o ego.

[Yama continua:] “Na caverna secreta do coração, dois estão sentados à beira da fonte da vida. O ego bebe as águas doces e amargas, desfrutando as doces, rejeitando as amargas. O Ser bebe as águas doces e amargas, sem desfrutá-las nem rejeitá-las. O ego afunda nas trevas; o Ser mergulha na luz. Assim dizem os sábios e os que adoram os cinco fogos sagrados e o fogo tríplice de Naciketas”. ॥ 1 ॥

यः सेतुरीजानानामक्षरं ब्रह्म यत् परम् ।

अभयं तितीर्षतां पारं नाचिकेत् शकेमहि ॥ २ ॥

yaḥ seturījānānāmakṣaraṁ brahma yat param |
abhayaṁ titīrṣatāṁ pāraṁ nāciketaṁ śakemahi ॥ 2 ॥

“Que possamos manter aceso o fogo de Naciketas, que purifica o ego e nos permite atravessar o oceano do medo em direção às margens do Indestrutível”. ॥ 2 ॥

आत्मानं रथितं विद्धि शरीरं स्थमेव तु ।

बुद्धिं तु सारथिं विद्धि मनः प्रग्रहमेव च ॥ ३ ॥

ātmānaṁ rathitaṁ viddhi śarīraṁ rathameva tu |
buddhiṁ tu sārathiṁ viddhi manaḥ pragrahameva ca || 3 ||

A parábola do Ser e a carruagem.

“Pense no Ser como o senhor de uma carruagem realizando uma jornada. O corpo é a carruagem. O discernimento é o cocheiro. A mente, as rédeas”. || 3 ||

इन्द्रियाणि हयानाहुर्विषयाँ स्तेषु गोचरान् ।
आत्मेन्द्रियमनोयुक्तं भोक्तेत्याहुर्मनीषिणः ॥ ४ ॥

indriyāṇi hayānāhurviṣayāṁ steṣu gocarān |
ātmendriyamanoyuktaṁ bhoktetyāhurmanīṣiṇaḥ || 4 ||

“Os sentidos, dizem os sábios, são os cavalos, as estradas que eles percorrem, os labirintos do desejo. Quando o Ser é confundido com o corpo, a mente e os sentidos, ele parece desfrutar o prazer e sofrer a dor”. || 4 ||

यस्त्वविज्ञानवान्भवत्ययुक्तेन मनसा सदा ।
तस्येन्द्रियाण्यवश्यानि दुष्टाश्चा इव सारथेः ॥ ५ ॥

yastvavijñānavānbhavatyayuktena manasā sadā |
tasyendriyāṇyavaśyāni duṣṭāśvā iva sāratheḥ || 5 ||

Quando falta ao homem discernimento e à sua mente disciplina, os sentidos disparam e tornam-se incontroláveis, como cavalos selvagens”. || 5 ||

यस्तु विज्ञानवान्भवति युक्तेन मनसा सदा ।
तस्येन्द्रियाणि वश्यानि सदश्चा इव सारथेः ॥ ६ ॥

yastu vijñānavānbhavati yuktena manasā sadā |
tasyendriyāṇi vaśyāni sadaśvā iva sāratheḥ || 6 ||

“Porém, quando o homem possui discernimento e uma mente disciplinada, seus sentidos, como bem treinados cavalos, facilmente respondem ao freio”. || 6 ||

यस्त्वविज्ञानवान्भवत्यमनस्कः सदाऽशुचिः ।
न स तत्पदमाप्नोति संसारं चाधिगच्छति ॥ ७ ॥

yastvavijñānavānbhavatyamanaskaḥ sadā'śuciḥ |
na sa tatpadamāpnoti saṁsāraṁ cādhigacchati || 7 ||

“Aquele que não tiver discernimento, que não tiver disciplinado sua mente, que não for puro de coração, não alcançará a meta, ficando preso ao ciclo de mortes e renascimentos sucessivos”. || 7 ||

यस्तु विज्ञानवान्भवति समनस्कः सदा शुचिः ।
स तु तत्पदमाप्नोति यस्माद्भूयो न जायते ॥ ८ ॥

yastu vijñānavānbhavati samanaskaḥ sadā śuciḥ |
sa tu tatpadamāpnoti yasmādbhūyo na jāyate || 8 ||

“Aquele que tiver discernimento, mente disciplinada e pureza interior, alcançará a meta, e nunca mais irá sofrer nas garras da morte”. || 8 ||

विज्ञानसारथिर्यस्तु मनः प्रग्रहवान्नरः ।
सोऽध्वनः पारमाप्नोति तद्विष्णोः परमं पदम् ॥ ९ ॥

vijñānasārathiryastu manaḥ pragrahavānnaraḥ |
so'dhvanaḥ pāramāpnoti tadviṣṇoḥ paramaṁ padam || 9 ||

“Aquele que tiver o discernimento por cocheiro e controlar as rédeas de sua mente, alcançará o fim da jornada, a união com o Onipresente”. || 9 ||

इन्द्रियेभ्यः परा ह्यर्था अर्थेभ्यश्च परं मनः ।
मनसस्तु परा बुद्धिर्बुद्धेरात्मा महान्परः ॥ १० ॥

indriyebhyaḥ parā hyarthā arthebhyaśca paramaṁ manaḥ |
manasastu parā buddhirbuddherātmā mahānparaḥ || 10 ||

O Ilimitado e suas manifestações.

“Para além dos sentidos estão seus objetos. Para além desses objetos está a mente. Além da mente está o discernimento e, além dele, o Ser eterno”. || 10 ||

महतः परमव्यक्तमव्यक्तात्पुरुषः परः ।
पुरुषान्न परं किञ्चित्सा काष्ठा सा परा गतिः ॥ ११ ॥

mahataḥ paramavyaktamavyaktātṭpuruṣaḥ paraḥ |
puruṣāṇna paraṁ kiṁcitsā kāṣṭhā sā parā gatiḥ || 11 ||

“Além do *mahat* está *avyaktam*, o imanifesto, [o germe da natureza]. Mais além de *avyaktam* está Puruṣa. Além de Puruṣa, não há nada. Ele é a culminação, o fim mais elevado da jornada”. || 11 ||

एष सर्वेषु भूतेषु गूढोऽऽत्मा न प्रकाशते ।
दृश्यते त्वग्रया बुद्ध्या सूक्ष्मया सूक्ष्मदर्शिभिः ॥ १२ ॥

eṣa sarveṣu bhūteṣu gūḍho”tmā na prakāśate |
dṛśyate tvagryayā buddhyā sūkṣmayā sūkṣmadarśibhiḥ || 12 ||

“Embora esteja presente em tudo, Brahman não se revela. Ele é percebido unicamente pelo sábio que concentra sua mente e desenvolve a visão”. || 12 ||

यच्छेद्वाङ्मनसी प्राज्ञस्तद्यच्छेज्ज्ञान आत्मनि ।
ज्ञानमात्मनि महति नियच्छेत्तद्यच्छेच्छान्त आत्मनि ॥ १३ ॥

yacchedvāṅmanasī prājñastadyacchejjñāna ātmani |
jñānamātmāni mahati niyacchettadyacchechchānta ātmani || 13 ||

“A prática da meditação permite ao sábio mergulhar mais e mais profundamente na consciência, indo do mundo das palavras ao mundo dos pensamentos e, deste, à sabedoria suprema”. || 13 ||

उत्तिष्ठत जाग्रत प्राप्य वरान्निबोधत ।
क्षुरस्य धारा निशिता दुरत्यया दुर्गं पथस्तत्कवयो वदन्ति ॥ १४ ॥

uttiṣṭhata jāgrata prāpya varānnibodhata |
kṣurasya dhārā niśitā duratyayā durgam pathastatkavayo vadanti || 14 ||

“Levanta-te, desperta! Havendo adquirido tuas bênçãos, compreende-as. Estreito como o fio de uma navalha, difícil de atravessar é este caminho, declaram os poetas”. || 14 ||

अशब्दमस्पर्शमरूपमव्ययं तथाऽऽसं नित्यमगन्धवच्च यत् ।
अनाद्यनन्तं महतः परं ध्रुवं निचाय्य तन्मृत्युमुखात् प्रमुच्यते ॥ १५ ॥

aśabdamasparśamarūpamavyayaṁ tathā'rasaṁ nityamagandhavacca yat |
anādyanantaṁ mahataḥ paraṁ dhruvaṁ nicāyā
tanmṛtyumukhāt pramucyate || 15 ||

O Ser está além de nome e de forma, além dos sentidos. Sem início, sem fim, estando além do tempo, do espaço e da causalidade, ele é eterno e imutável. Aquele que percebe o Ser livra-se das garras da morte”. || 15 ||

नाचिकेतमुपाख्यानं मृत्युप्रोक्तं सनातनम् ।
उक्त्वा श्रुत्वा च मेधावी ब्रह्मलोके महीयते ॥ १६ ॥

nāciketamupākhyānaṁ mṛtyuproktaṁ sanātanam |
uktvā śrutvā ca medhāvī brahmaloke mahīyate || 16 ||

Quando esta antiga história de Naciketas, contendo os ensinamentos de Yama, for narrada ou ouvida pelos sábios, estes entrarão no mundo de Brahmā. || 16 ||

य इमं परमं गुह्यं श्रावयेद् ब्रह्मसंसदि ।
प्रयतः श्राद्धकाले वा तदानन्त्याय कल्पते । तदानन्त्याय कल्पत इति ॥ १७ ॥

ya imaṁ paramaṁ guhyaṁ śrāvayed brahmasaṁsadi |
prayataḥ śrāddhakāle vā tadānantyāya kalpate | tadānantyāya kalpata iti || 17 ||

Aquele que enaltecer este supremo segredo numa reunião de *brahmāṇas* ou na ocasião dos rituais para os defuntos, merecerá a imortalidade! || 17 ||

इति काठकोपनिषदि प्रथमाध्याये तृतीया वल्ली ॥

iti kāṭhakopaniṣadi prathamādhyāye tṛtīyā vallī ||

Aqui conclui-se o terceiro canto da primeira parte da *Kaṭhopaniṣad*.





Apresentação do *Dvitiyādhya*

Vida Além da Morte

Apresentamos aqui a segunda e última parte da *Kāṭhopaniṣad*. Nesta etapa do diálogo entre o jovem Naciketas e o Senhor da Morte, aparecem recorrentemente cinco temas práticos, que se revelam essenciais para o sucesso na busca da libertação (*mokṣa*):

- 1) a identidade entre o Ilimitado, Brahman, e o indivíduo, Ātma;
- 2) a importância do mestre no processo do autoconhecimento;
- 3) a prática do Yoga como caminho para a libertação;
- 4) o princípio de causa e efeito, ou lei do *karma*; e
- 5) a “vitória sobre a morte”, através do conhecimento.

1) *Aham Brahma'smi*: “Eu sou Ilimitado”.

Esta Upaniṣad não revela demasiados detalhes sobre as técnicas do Yoga. No entanto, sua descrição é muito verdadeira, pois aponta para a dificuldade em se manter na equanimidade (*samatva*), dizendo que o Yoga “vêm e vai”.

O primeiro desses assuntos tem a ver com a prioridade absoluta para o buscador: a percepção de si mesmo como Brahman, o Ser. A palavra Brahman significa literalmente “vasta expansão”, e deriva da raiz *br̥h*, que significa “crescer” ou “expandir”. Tradicionalmente traduz-se Brahman como “o “Ser”, ou “o Absoluto”, e designa o princípio supremo impessoal que permeia a criação, e que é uma das ideias centrais da filosofia hindu.

Na *Kāṭhopaniṣad*, Brahman é descrito através de metáforas como as seguintes: “Assim como o fogo, sendo único, assume diversas formas ao consumir diversos objetos, da mesma forma o Ser assume as formas de todas as criaturas, nas quais está presente. Assim como o ar, sendo único, assume diversas formas ao abraçar diversos objetos, da mesma forma o Ser assume as formas de todas as criaturas, nas quais está presente”.

O ensinamento medular de todas as Upaniṣads é a identidade entre Brahman, o Ilimitado, e Ātma, o indivíduo. O Vedānta distingue dois aspectos diferentes do

Ilimitado: *para* e *apara*, ou o não manifestado e o manifestado. Com frequência, este aspecto manifestado de Brahman é chamado Śabdabrahman, o “Som do Ilimitado”, e identificado com o mantra sagrado Om.

2) A importância do mestre.

O segundo desses temas tem a ver com a figura do guru: nesta vida, não podemos aspirar à realização espiritual sem a ajuda de um mestre vivo realizado: “O Yoga não pode ser alcançado através de palavra, pensamento ou testemunho. Como pode Brahman ser conhecido, exceto por aquele que o percebe em si próprio?” O Ser é sempre *sujeito*. Jamais poderá ser *objeto* de conhecimento. Jamais poderá ser observado ou percebido pela mente ou pelo intelecto. Ele pode ser percebido apenas através da prática constante do Yoga.

3) O Yoga como instrumento para o autoconhecimento.

O terceiro grande assunto desta segunda parte da *Kaṭha* é a prática de Yoga como veículo para a realização. Esta Upaniṣad não revela demasiados detalhes sobre as técnicas do Yoga. No entanto, sua descrição é muito verdadeira, pois aponta para a dificuldade em se manter o estado de unicidade, dizendo que ele “vêm e vai” (*prabhavāpyayau*): “Quando os cinco sentidos e a mente estão parados, e a própria razão descansa em silêncio, começa o caminho supremo. Esta firmeza calma dos sentidos chama-se Yoga. Mas deve-se estar atento, pois o Yoga vem e vai.” O cultivo da atentividade plena é essencial para nos manter em Yoga. Se formos cuidadosos, o Yoga se manifesta. Se nos distrairmos, evapora-se.

A metáfora do Ser como sendo “menor que o dedo polegar”, que aparece mais de uma vez na *Kaṭha*, não deve interpretar-se literalmente, uma vez que este não tem tamanho nem localização física, mas é um esforço do autor para indicar que a concentração deve realizar-se no interior e que o Ser, presente no tempo e no espaço, existe igualmente além deles.

Ainda no âmbito do Yoga e sua relação com o corpo humano, aparece uma metáfora do Ser como Senhor do corpo: “O governante da cidade de onze portas é o Ser, cuja luz brilha por sempre. Deixam o sofrimento para trás e são libertados do ciclo de mortes e nascimentos aqueles que meditam no Ser”. As “onze portas” são: olhos, ouvidos, narinas, boca, sexo, ânus, umbigo e sutura sagital, a abertura no topo do crânio por onde a individualidade abandona o corpo no momento da morte.

4) *Karma*: o princípio de causalidade.

A auto-realização não “surge” do destino ou do além, mas está em função das escolhas que estamos fazendo *nesta* vida e no mundo real das nossas ações.

O quarto grande tema desta obra é a lei do *karma*, o princípio de causalidade através do qual cada ser humano determina seu próprio destino: “Se a pessoa falhar na tarefa da realização suprema nesta vida antes que o corpo se desintegre, ela deve retornar ao mundo encarnada num novo corpo”. Os meios de realização que aqui se postulam afastam-se diametralmente do fatalismo e do “alémismo”, uma vez que a auto-realização não “surge” do destino ou do além, mas está em função das escolhas que estamos fazendo *nesta* vida e no mundo real das nossas ações, *karmabhūmi*. O que esta importante passagem nos ensina é que a realização espiritual pode alcançar-se agora mesmo, e que não devemos ficar esperando que ela aconteça como graça dos deuses ou coisa similar.

No início do terceiro canto, aparece um elemento cosmogônico muito antigo e comum a várias culturas: a árvore da vida. Essa árvore, que representa o eixo do mundo (*axis mundi*), é ao mesmo tempo uma espécie de passagem entre o mundo manifestado e o invisível. Essa árvore é chamada *Aśvattha* nas Upaniṣads, *Yggdrasil* na mitologia nórdica e *Asherah* na cultura mesopotâmica, mas aparece igualmente na Bíblia como a árvore do bem e do mal, na religião muçulmana e na dos povos indígenas da América do Norte.

Aqui, o Universo é representado como uma grande árvore invertida, que espalha suas raízes no firmamento e estende seus galhos e folhagens sobre a terra. Esta Upaniṣad descreve-a assim: “Este *Aśvattha* eterno, cujas raízes crescem para cima e cujos ramos para baixo, é o puro, é o Brahman, é o que se chama Não-Morte. Todos os mundos repousam nele”.

Na tradição da Índia, vencer a morte significa abrir o coração: “Desfazendo os nós que estrangulam do coração, o mortal torna-se imortal”.

O final do terceiro canto contém, em forma embrionária, alguns dos elementos da cosmogonia *Sāṅkhya*, uma antiga escola de filosofia hindu: “Além dos sentidos está a mente. Além da mente está a razão. Além dela está a individualidade. Além da individualidade está a Causa não manifestada. Além da Causa não manifestada está Brahman, onipresente e sem atributos. Aquele que percebe isto liberta-se do ciclo dos nascimentos e mortes”.

A mente (*manas*) é a sede dos pensamentos e emoções, sendo também responsável pelo processamento das percepções sensoriais. A razão (*buddhi*), traduzida igualmente como intelecto, governa a faculdade de afirmar. O ego (*ahaṅkāra*) é a auto-referência, através do qual o indivíduo (*jīva*) percebe a si próprio como uma entidade separada da criação. Além da individualidade está a Causa não manifestada (Puruṣa) que, por sua vez, é a expressão individual de Brahman.

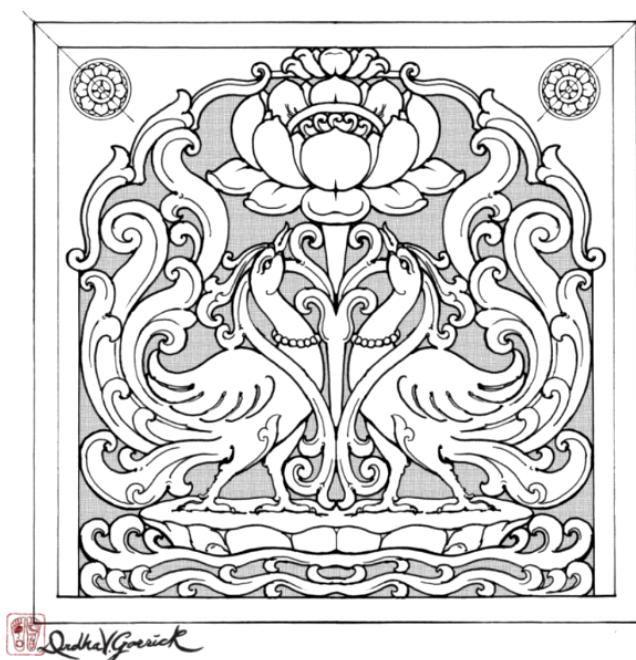
5) *Amṛtaṁ*: a vitória sobre a morte.

O desejo de vencer a morte, um dos últimos assuntos abordados nesta obra, é tão antigo quanto universal. Na tradição da Índia, “vencer a morte” significa abrir o coração, como fica claro nesta passagem: “Desfazendo os nós que estrangulam do coração, o mortal torna-se imortal. Essa é a síntese dos ensinamentos das escrituras”.

॥ हरिः ॐ ॥

Pedro Kupfer.

São Pedro da Cadeira, Junho, 2026.





Dvitiyādhya — Segunda Parte



Valli (Canto) 1

पराञ्चि खानि व्यतृणत् स्वयम्भूस्तस्मात्पराङ्पश्यति नान्तरात्मन् ।

कश्चिद्धीरः प्रत्यगात्मानमैक्षदावृत्तचक्षुरमृतत्वमिच्छन् ॥ १ ॥

parāñci khāni vyatṛṇat svayambhūstasmātparāṅpaśyati nāntarātman |
kaściddhīraḥ pratyagātmānamaikṣadāvṛttacakṣuramṛtatvamicchan ॥ 1 ॥

O Ilimitado não pode ser conhecido pelos sentidos.

[Disse Yama:] “O autoexistente (*svayambhū*), atravessou as aberturas [dos sentidos] em direção ao exterior. Por essa razão, o homem olha para fora, ao invés de procurar dentro de si (*antarātman*). Um homem sábio, buscando a imortalidade, retraiu seus sentidos do mundo externo, sempre mutante. Olhando para o interior, contemplou face a face o Ser imortal”. ॥ 1 ॥

पराचः कामाननुयन्ति बालास्ते मृत्योर्यन्ति विततस्य पाशम् ।

अथ धीरा अमृतत्वं विदित्वा ध्रुवमध्रुवेष्विह न प्रार्थयन्ते ॥ २ ॥

parācaḥ kāmānanuyanti bālāste mṛtyoryanti vitatasya pāśam |
atha dhīrā amṛtatvaṁ viditvā dhruvamadhruveṣviha na prārthayante ॥ 2 ॥

“As pessoas com mentalidade infantil perseguem os prazeres efêmeros, só para cair nas redes da morte. No entanto, os sábios, sabendo que o Ser é imortal, não procuram por ele no mundo das coisas finitas”. ॥ 2 ॥

येन रूपं रसं गन्धं शब्दान् स्पर्शाश्च मैथुनान् ।

एतेनैव विजानाति किमत्र परिशिष्यते । एतद्वै तत् ॥ ३ ॥

yena rūpaṁ rasaṁ gandhaṁ śabdān sparśāṁśca maithunān |
etenaiva vijānāti kimatra pariśiṣyate | etadvai tat || 3 ||

“Aquele através do qual experienciam-se a forma, o gosto, o olfato, a audição, o toque e a união carnal, é o Ser. Pode existir algo desconhecido para Aquele que é o Uno no Todo? Aquele que conhece o Uno, conhece o Todo”. || 3 ||

स्वप्नान्तं जागरितान्तं चोभौ येनानुपश्यति ।
महान्तं विभुमात्मानं मत्वा धीरो न शोचति ॥ ४ ॥

svapnāntaṁ jāgaritāntaṁ cobhau yenānupaśyati |
mahāntaṁ vibhumātmānaṁ matvā dhīro na śocati || 4 ||

“Aquele através do qual experienciam-se os estados da vigília e do sono é o Ser. Para o sábio, perceber o Ilimitado como a própria consciência é ir além do sofrimento”. || 4 ||

य इमं मध्वदं वेद आत्मानं जीवमन्तिकात् ।
ईशानं भूतभव्यस्य न ततो विजुगुप्सते । एतद्वै तत् ॥ ५ ॥

ya imaṁ madhvadaṁ veda ātmānaṁ jīvamantikāt |
īśānaṁ bhūtabhavyasya na tato vijugupsate | etadvai tat || 5 ||

O Ilimitado é Uno com o indivíduo e com a Criação.

“Aquele que conhece este Ser como quem liba o mel obtido das flores dos sentidos, presente no interior e senhor do tempo, está além do medo. Este, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 5 ||

यः पूर्वं तपसो जातमद्भ्यः पूर्वमजायत ।
गुहां प्रविश्य तिष्ठन्तं यो भूतेभिर्व्यपश्यत । एतद्वै तत् ॥ ६ ॥

yaḥ pūrvaṁ tapaso jātamadhbhyaḥ pūrvamajāyata |
guhāṁ praviśya tiṣṭhantaṁ yo bhūtebhirvyapaśyata | etadvai tat || 6 ||

“Aquele nascido antes que a austeridade, nasceu igualmente antes das águas. Aquele que entrou no lugar secreto [do coração] e olhou através dos seres, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 6 ||

या प्राणेन संभवत्यदितिर्देवतामयी ।

गुहां प्रविश्य तिष्ठन्तीं या भूतेभिर्यजायत । एतद्वै तत् ॥ ७ ॥

yā prāṇena sambhavatyaditirdevatāmayī |

guhām praviśya tiṣṭhantīm yā bhūtebhirvyajāyata | etadvai tat || 7 ||

“Aditi, a essência dos *devatās* que surge com a vida, havendo entrado no lugar secreto [o coração], e havendo nascido como os seres, realmente, é Esse [que estás buscando]”. || 7 ||

अरण्योर्निहितो जातवेदा गर्भ इव सुभृतो गर्भिणीभिः ।

दिवे दिवे ईड्यो जागृवद्भिर्हविष्मद्भिर्मनुष्येभिरग्निः । एतद्वै तत् ॥ ८ ॥

araṇyornihito jātavedā garbha iva subhṛto garbhīṇībhiḥ |

dive dive īḍyo jāgrvadbhirhaviṣmadbhirmanuṣyebhiragniḥ | etadvai tat || 8 ||

“Agni, o Fogo Onisciente, oculto na lenha como o embrião no ventre da mãe, deve ser adorado com oferendas pelos homens pois este, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 8 ||

यतश्चोदेति सूर्योऽस्तं यत्र च गच्छति ।

तं देवाः सर्वेऽर्पितास्तदु नात्येति कश्चन । एतद्वै तत् ॥ ९ ॥

yataścodeti sūryo’staṁ yatra ca gacchati |

taṁ devāḥ sarve’rpitāstadu nātyeti kaścana | etadvai tat || 9 ||

“Aquele que é a fonte do Sol e de todos os poderes do Universo, além do qual nada há, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 9 ||

यदेवेह तदमुत्र यदमुत्र तदन्विह ।

मृत्योः स मृत्युमाप्नोति य इह नानेव पश्यति ॥ १० ॥

yadeveha tadamutra yadamutra tadanviha |

mṛtyoḥ sa mṛtyumāpnoti ya iha nāneva paśyati || 10 ||

“O que está aqui, está lá; o que está lá, está igualmente aqui. De morte em morte vagueia quem vê algo diferente disto”. || 10 ||

मनसैवेदमाप्तव्यं नेह नानाऽस्ति किंचन ।

मृत्योः स मृत्युं गच्छति य इह नानेव पश्यति ॥ ११ ॥

manasaivedamāptavyam neha nānā'sti kiñcana |

mṛtyoḥ sa mṛtyuṁ gacchati ya iha nāneva paśyati || 11 ||

“Apenas a mente unidirecionada é capaz de perceber a Unidade. Nada existe além do Ser. De morte em morte vagueia aquele que vê algo diferente disto”. || 11 ||

अङ्गुष्ठमात्रः पुरुषो मध्य आत्मनि तिष्ठति ।

ईशानं भूतभव्यस्य न ततो विजुगुप्सते । एतद्वै तत् ॥ १२ ॥

aṅguṣṭhamātraḥ puruṣo madhya ātmani tiṣṭhati |

īśānaṁ bhūtabhavyasya na tato vijugupsate | etadvai tat || 12 ||

O Ser, menor que o dedo polegar, reside no centro do coração. Senhor do que foi e do que será, ele é o mesmo, hoje e amanhã. Este, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 12 ||

अङ्गुष्ठमात्रः पुरुषो ज्योतिरिवाधूमकः ।

ईशानो भूतभव्यस्य स एवाद्य स उ श्वः । एतद्वै तत् ॥ १३ ॥

aṅguṣṭhamātraḥ puruṣo jyotirivādhūmakah |

īśāno bhūtabhavyasya sa evādyā sa u śvaḥ | etadvai tat || 13 ||

“O Ser, menor que o dedo polegar, brilha como uma chama sem fumaça. Senhor do que foi e do que será, ele é o mesmo, hoje e amanhã. Este, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 13 ||

यथोदकं दुर्गे वृष्टं पर्वतेषु विधावति ।

एवं धर्मान् पृथक् पश्यंस्तानेवानुविधावति ॥ १४ ॥

yathodakam durge vṛṣṭam parvateṣu vidhāvati |

evam dharmān prthak paśyamstānevānuvidhāvati || 14 ||

“Assim como a chuva que desce as ladeiras da montanha, aqueles que percebem apenas a multiplicidade aparente da vida, dispersam-se correndo atrás dos objetos efêmeros”. || 14 ||

यथोदकं शुद्धे शुद्धमासिक्तं तादृगेव भवति ।
एवं मुनेर्विजानत आत्मा भवति गौतम ॥ १५ ॥

yathodakam śuddhe śuddhamāsiktaṁ tādṛgeva bhavati |
evaṁ munervijānata ātmā bhavati gautama || 15 ||

“Assim como água pura vertida sobre água pura tornam-se uma só, da mesma forma, ó Gautama, Ātma, a individualidade do sábio (*muni*), torna-se una com o Ilimitado”. || 15 ||

इति काठकोपनिषदि द्वितीयाध्याये प्रथमा वल्ली ॥

iti kāṭhakopaniṣadi dvitīyādhyāye prathamā vallī ||

Aqui conclui-se o primeiro canto da segunda parte da *Kāṭhopaniṣad*.



Valli (Canto) 2

पुरमेकादशद्वारमजस्यावक्रचेतसः ।
अनुष्ठाय न शोचति विमुक्तश्च विमुच्यते । एतद्वै तत् ॥ १ ॥

puramekādaśadvāramajasyāvakracetasah |
anuṣṭhāya na śocati vimuktaśca vimucyate | etadvai tat || 1 ||

O Ilimitado é idêntico ao indivíduo.

[Disse Yama:] “O governante da cidade de onze portas é o Ser, cuja luz brilha por sempre. Deixam o sofrimento para trás e são libertados do ciclo de mortes e nascimentos aqueles que meditam [*i.e.*, conhecem] o Ser. Este, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 1 ||

हंसः शुचिषद्वसुरान्तरिक्षसद्होता वेदिषदतिथिर्दुरोणसत् ।
नृषद्वरसदृतसद्व्योमसद् अब्जा गोजा ऋतजा अद्रिजा ऋतं बृहत् ॥ २ ॥

haṁsaḥ śuciṣadvasurāntarikṣasad hotā vediṣadatithirduroṇasat |
nṛṣadvarasadṛtasadvyomasad abjā gojā ṛtajā adrijā ṛtaṁ bṛhat || 2 ||

“[O Ser] vive no céu como aquele que se move [o sol]. Como o que tudo anima, [vive] na atmosfera. Como o fogo, no altar. Como o hóspede, no lar. Vive nos humanos, vive nos elementais, vive na verdade e vive no vasto espaço. Ele é tudo o que nasce das águas, tudo o que nasce da terra, tudo o que nasce da verdade, tudo o que nasce da montanha; imenso e grandioso”. || 2 ||

ऊर्ध्वं प्राणमुन्नयत्यपानं प्रत्यगस्यति ।

मध्ये वामनमासीनं विश्वे देवा उपासते ॥ ३ ॥

ūrdhvaṁ prāṇamunnayatyapānaṁ pratyagasyati |
madhye vāmanamāsīnaṁ viśve devā upāsate || 3 ||

“Aquele que está no coração reina sobre o alento vital. Ante ele todos os *devas* [os sentidos] se prostram”. || 3 ||

अस्य विस्रंसमानस्य शरीरस्थस्य देहिनः ।

देहाद्विमुच्यमानस्य किमत्र परिशिष्यते । एतद्वै तत् ॥ ४ ॥

asya visraṁsamānasya śarīrasthasya dehinaḥ |
dehādvimucyamānasya kimatra pariśiṣyate | etadvai tat || 4 ||

“Quando o habitante do corpo liberta-se das correntes da carne, quem permanece? Este, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 4 ||

न प्राणेन नापानेन मर्त्यो जीवति कश्चन ।

इतरेण तु जीवन्ति यस्मिन्नेतावुपाश्रितौ ॥ ५ ॥

na prāṇena nāpānena martyo jīvati kaścana |
itareṇa tu jīvanti yasminnetāvupāśritau || 5 ||

“O ser vivo não vive por causa do alento que flui para dentro ou para fora, *prāṇa* ou *apāna*. Ele vive por causa daquele que faz a vitalidade fluir”. || 5 ||

हन्त त इदं प्रवक्ष्यामि गुह्यं ब्रह्म सनातनम् ।

यथा च मरणं प्राप्य आत्मा भवति गौतम ॥ ६ ॥

hanta ta idaṁ pravakṣyāmi guhyaṁ brahma sanātanam |
yathā ca maraṇaṁ prāpya ātmā bhavati gautama || 6 ||

“Agora, ó Gautama, falar-te-ei de Brahman, eterno e invisível, bem como sobre o que acontece além da morte”. || 6 ||

योनिमन्ये प्रपद्यन्ते शरीरत्वाय देहिनः ।
स्थाणुमन्येऽनुसंयन्ति यथाकर्म यथाश्रुतम् ॥ ७ ॥

yonimanye prapadyante śarīratvāya dehinaḥ |
sthāṇumanye’nusamyanti yathākarma yathāśrutam || 7 ||

“Alguns entram num ventre e encarnam [como animais ou humanos], enquanto que outros permanecem estacionários, [encarnando como vegetais,] conforme é determinado por suas próprias ações e conhecimento”. || 7 ||

य एष सुप्तेषु जागर्ति कामं कामं पुरुषो निर्ममाणः ।
तदेव शुक्रं तद्ब्रह्म तदेवामृतमुच्यते ।
तस्मिँल्लोकाः श्रिताः सर्वे तदु नात्येति कश्चन । एतद्वै तत् ॥ ८ ॥

ya eṣa supteṣu jāgarti kāmam kāmam puruṣo nirmimāṇaḥ |
tadeva śukraṁ tadbrahma tadevāmṛtamucyate |
tasmiṁllokāḥ śritāḥ sarve tadu nātyeti kaścana | etadvai tat || 8 ||

“Puruṣa, o Ser perfeito, permanece desperto no sono e inspira os incessantes desejos no sonho. Chama-se Brahman, o Imortal. Alicerce dos mundos, nada é diferente dele. Este, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 8 ||

अग्निर्यथैको भुवनं प्रविष्टो रूपं रूपं प्रतिरूपो बभूव ।
एकस्तथा सर्वभूतान्तरात्मा रूपं रूपं प्रतिरूपो बहिश्च ॥ ९ ॥

agniriyathaiko bhuvanaṁ praviṣṭo rūpaṁ rūpaṁ pratirūpo babhūva |
ekastathā sarvabhūtāntarātmā rūpaṁ rūpaṁ pratirūpo bahiśca || 9 ||

“Assim como o fogo, sendo único, assume diversas formas ao consumir diversos objetos, da mesma forma o Ser assume as formas de todas as criaturas, nas quais está presente”. || 9 ||

वायुर्यथैको भुवनं प्रविष्टो रूपं रूपं प्रतिरूपो बभूव ।

एकस्तथा सर्वभूतान्तरात्मा रूपं रूपं प्रतिरूपो बहिश्च ॥ १० ॥

vāyuryathaiko bhuvanaṁ praviṣṭo rūpaṁ rūpaṁ pratirūpo babhūva |

ekastathā sarvabhūtāntarātmā rūpaṁ rūpaṁ pratirūpo bahiṣca ॥ 10 ॥

“Assim como o ar, sendo único, assume diversas formas ao abraçar diversos objetos, da mesma forma o Ser assume as formas de todas as criaturas, nas quais está presente”. ॥ 10 ॥

सूर्यो यथा सर्वलोकस्य चक्षुः न लिप्यते चाक्षुषैर्बाह्यदोषैः ।

एकस्तथा सर्वभूतान्तरात्मा न लिप्यते लोकदुःखेन बाह्यः ॥ ११ ॥

sūryo yathā sarvalokasya cakṣuḥ na lipyate cākṣuṣairbāhyadoṣaiḥ |

ekastathā sarvabhūtāntarātmā na lipyate lokaduḥkhena bāhyaḥ ॥ 11 ॥

“Assim como o sol, olho do universo, não é manchado pelo defeito visto pelos olhos ou pelos objetos que ilumina, da mesma forma o Ser, vivendo nos corações de todos, permanece intocado pelo sofrimento, pois tudo transcende”. ॥ 11 ॥

एको वशी सर्वभूतान्तरात्मा एकं रूपं बहुधा यः करोति ।

तमात्मस्थं येऽनुपश्यन्ति धीराः तेषां सुखं शाश्वतं नेतरेषाम् ॥ १२ ॥

eko vaśī sarvabhūtāntarātmā ekaṁ rūpaṁ bahudhā yaḥ karoti |

tamātmasthaṁ ye’nupaśyanti dhīrāḥ teṣāṁ sukhaṁ śāśvataṁ netareṣāṁ ॥ 12 ॥

A felicidade de reconhecer a si mesmo como Ilimitado.

“O Ser, presente em todos os seres, multiplica sua própria Unidade. A felicidade eterna acompanha àqueles que percebem o Ser em seus próprios corações. A mais ninguém ele se revela!” ॥ 12 ॥

नित्योऽनित्यानां चेतनश्चेतनानाम् एको बहूनां यो विदधाति कामान् ।

तमात्मस्थं येऽनुपश्यन्ति धीराः तेषां शान्तिः शाश्वती नेतरेषाम् ॥ १३ ॥

nityo’nityānāṁ cetanaścetanānām eko bahūnāṁ yo vidadhāti kāmān |

tamātmasthaṁ ye’nupaśyanti dhīrāḥ teṣāṁ śāntiḥ śāśvatī netareṣāṁ ॥ 13 ॥

“Imutável em meio ao que perece, Pura Consciência no coração dos sábios, o Único atende as preces de muitos. A paz eterna é daqueles que percebem o Ser em seus próprios corações. A mais ninguém ele se revela!” || 13 ||

तदेतदिति मन्यन्तेऽनिर्देश्यं परमं सुखम् ।

कथं नु तद्विजानीयां किमु भाति विभाति वा ॥ १४ ॥

tadetaditi manyante'nirdeśyaṁ paramaṁ sukham |
kathaṁ nu tadvijānīyāṁ kimu bhāti vibhāti vā || 14 ||

[Perguntou Naciketas:] “Como posso conhecer àquele Ser, supremo e pleno, conhecido pelos sábios? É ele a luz, ou ele reflete a luz?” || 14 ||

न तत्र सूर्यो भाति न चन्द्रतारकं नेमा विद्युतो भान्ति कुतोऽयमग्निः ।

तमेव भान्तमनुभाति सर्वं तस्य भासा सर्वमिदं विभाति ॥ १५ ॥

na tatra sūryo bhāti na candratārakaṁ nemā vidyuto bhānti kuto'yamagniḥ |
tameva bhāntamanubhāti sarvaṁ tasya bhāsā sarvamidaṁ vibhāti || 15 ||

[Respondeu a Morte:] “Não brilha o sol, nem a lua ou as estrelas, nem o raio nem o trovão, nem o fogo sobre a terra, sem a presença do Ser. O Ser é a luz por todos refletida. Quando ele brilha, tudo brilha”. || 15 ||

इति काठकोपनिषदि द्वितीयाध्याये द्वितीया वल्ली ॥

iti kāṭhakopaniṣadi dvitīyādhyāye dvitīyā vallī ||

Aqui conclui-se o segundo canto da segunda parte da *Kāthopaniṣad*.



Valli (Canto) 3

ऊर्ध्वमूलोऽवाक्शाख एषोऽश्वत्थः सनातनः ।

तदेव शुक्रं तद्ब्रह्म तदेवामृतमुच्यते ।

तस्मिँल्लोकाः श्रिताः सर्वे तदु नात्येति कश्चन । एतद्वै तत् ॥ १ ॥

ūrdhvamūlo'vāksākha eṣo'śvatthaḥ sanātanaḥ |
tadeva śukraṁ tadbrahma tadevāmṛtamucyate |
tasmiṁllokāḥ śritāḥ sarve tadu nātyeti kaścana | etadvai tat || 1 ||

A árvore do mundo cresce do Ilimitado.

“A Árvore da Eternidade (Aśvattha), cujas raízes crescem para o céu e cujos ramos crescem para baixo, é o puro, é Brahman, é o que se chama Não-Morte. Todos os mundos derivam Dele, que por ninguém pode ser transcendido. Este, realmente, é Aquele [que estás buscando]”. || 1 ||

यदिदं किं च जगत् सर्वं प्राण एजति निःसृतम् ।
महद्भयं वज्रमुद्यतं य एतद्विदुरमृतास्ते भवन्ति ॥ २ ॥

yadidaṁ kiṁ ca jagat sarvaṁ prāṇa ejati niḥsṛtam |
mahadbhayaṁ vajramudyataṁ ya etadviduramṛtāste bhavanti || 2 ||

“O Cosmos deriva do *prāṇa* [i.e., o Ser], e nele se move. Seu poder aterroriza, como o trovão no céu. Aqueles que o conhecem livram-se da morte”. || 2 ||

भयादस्याग्निस्तपति भयात्तपति सूर्यः ।
भयादिन्द्रश्च वायुश्च मृत्युर्धावति पञ्चमः ॥ ३ ॥

bhayādasyāgnistapati bhayāttapati sūryaḥ |
bhayādindraśca vāyuśca mṛtyurdhāvati pañcamah || 3 ||

“Por temor do Ser, o fogo queima. Por temor do Ser, o sol aquece. Por temor do Ser, a chuva cai e o vento sopra. Por temor do Ser, a morte mata”. || 3 ||

इह चेदशकद्वोद्धुं प्राक्षरीरस्य विस्रसः ।
ततः सर्गेषु लोकेषु शरीरत्वाय कल्पते ॥ ४ ॥

iha cedaśakadboddhum prākṣarīrasya visrasaḥ |
tataḥ sargeṣu lokeṣu śarīratvāya kalpate || 4 ||

Transformação.

“Se a pessoa falhar na tarefa da realização suprema nesta vida antes que o corpo se desintegre, ela deve retornar ao mundo encarnada num novo corpo”. || 4 ||

यथाऽऽदर्शे तथाऽऽत्मनि यथा स्वप्ने तथा पितृलोके ।
यथाऽप्सु परीव ददृशे तथा गन्धर्वलोके छायातपयोरिव ब्रह्मलोके ॥ ५ ॥

yathā”darśe tathā”tmani yathā svapne tathā pitṛloke |
yathā’psu parīva dadṛśe tathā gandharvaloke chāyātapayoriva brahmaloke ॥ 5 ॥

“Brahman pode ser visto, como num espelho, num coração puro. No mundo dos ancestrais, como um sonho. No mundo dos elementais, como círculos na água. Como a claridade da luz, no mundo de Brahman”. ॥ 5 ॥

इन्द्रियाणां पृथग्भावमुदयास्तमयौ च यत् ।
पृथगुत्पद्यमानानां मत्वा धीरो न शोचति ॥ ६ ॥

indriyāṇāṃ pṛthagbhāvamudayāstamayau ca yat |
pṛthagutpadyamānānāṃ matvā dhīro na śocati ॥ 6 ॥

“Sabendo que os sentidos estão separados do Ser, e sabendo que as experiências deles advindas são impermanentes, o sábio não se aflige”. ॥ 6 ॥

इन्द्रियेभ्यः परं मनो मनसः सत्त्वमुत्तमम् ।
सत्त्वादधि महानात्मा महतोऽव्यक्तमुत्तमम् ॥ ७ ॥

indriyebhyaḥ paraṃ mano manasaḥ sattvamuttamam |
sattvādadhi mahānātmā mahato’vyaktamuttamam ॥ 7 ॥

“Além dos sentidos está a mente. Além da mente está a razão. Além dela está Ātma. Além de Ātma está *avyaktam*, o imanifesto, [o germe da natureza]”. ॥ 7 ॥

अव्यक्तात्तु परः पुरुषो व्यापकोऽलिङ्ग एव च ।
यं ज्ञात्वा मुच्यते जन्तुरमृतत्वं च गच्छति ॥ ८ ॥

avyaktāttu paraḥ puruṣo vyāpako’liṅga eva ca |
yaṃ jñātvā mucyate janturamṛtatvaṃ ca gacchati ॥ 8 ॥

“Além [de Prakṛti], está Brahman, o Ilimitado, sem atributos. Aquele que percebe isto liberta-se do ciclo dos nascimentos e mortes”. ॥ 8 ॥

न संदृशे तिष्ठति रूपमस्य न चक्षुषा पश्यति कश्चनैनम् ।
हृदा मनीषा मनसाऽभिक्लृप्तो य एतद्विदुरमृतास्ते भवन्ति ॥ ९ ॥

na saṁdr̥ṣe tiṣṭhati rūpamasya na cakṣuṣā paśyati kaścanainam |
hṛdā manīṣā manasā'bhikṛpto ya etadviduramṛtāste bhavanti || 9 ||

“Ele não tem forma e não pode ser visto com estes olhos. Porém, revela-se no coração purificado pela prática da meditação e o controle sensorial. Aquele que percebe isto liberta-se do ciclo dos nascimentos e mortes”. || 9 ||

यदा पञ्चावतिष्ठन्ते ज्ञानानि मनसा सह ।
बुद्धिश्च न विचेष्टते तामाहुः परमां गतिम् ॥ १० ॥

yadā pañcāvatiṣṭhante jñānāni manasā saha |
buddhiśca na viceṣṭate tāmāhuḥ paramāṁ gatim || 10 ||

O Yoga como calma atitude.

“Quando os cinco sentidos e a mente repousam, e a própria razão descansa em silêncio, começa o caminho supremo”. || 10 ||

तां योगमिति मन्यन्ते स्थिरामिन्द्रियधारणाम् ।
अप्रमत्तस्तदा भवति योगो हि प्रभवाप्ययौ ॥ ११ ॥

tām yogamiti manyante sthirāmindriyadhāraṇām |
apramattastadā bhavati yogo hi prabhavāpyayau || 11 ||

“Esta firmeza calma dos sentidos chama-se Yoga. Mas deve-se estar atento, pois o Yoga vem e vai.” || 11 ||

नैव वाचा न मनसा प्राप्तुं शक्यो न चक्षुषा ।
अस्तीति ब्रुवतोऽन्यत्र कथं तदुपलभ्यते ॥ १२ ॥

naiva vācā na manasā prāptuṁ śakyo na cakṣuṣā |
astīti bruvato'nyatra katham tadupalabhyate || 12 ||

“A visão da não-separação não pode ser alcançada através de palavra, pensamento ou testemunho. Como pode o Ilimitado ser conhecido, exceto por aquele que diz “Ele é?”” || 12 ||

अस्तीत्येवोपलब्धस्य तत्त्वभावेन चोभयोः ।
अस्तीत्येवोपलब्धस्य तत्त्वभावः प्रसीदति ॥ १३ ॥

astītyevopalabdhavyastattvabhāvena cobhayoḥ |
astītyevopalabdhasya tattvabhāvaḥ prasīdati || 13 ||

“Há dois seres: o ego separado e o Ātma indivisível. Quando nos elevamos por cima das noções de eu, mim e meu, Ātma revela-se como a natureza real”. || 13 ||

यदा सर्वे प्रमुच्यन्ते कामा येऽस्य हृदि श्रिताः ।
अथ मर्त्योऽमृतो भवत्यत्र ब्रह्म समश्नुते ॥ १४ ॥

yadā sarve pramucyante kāmā ye'sya hṛdi śritāḥ |
atha martyo'mṛto bhavatyatra brahma samaśnute || 14 ||

O desapego como meio para superar os condicionamentos.

“Quando renuncia [à identificação com] os desejos que amarram o coração [o ego], o mortal torna-se imortal. Então, alcança o Ilimitado, mesmo [vivendo no corpo]”. || 14 ||

यदा सर्वे प्रभिद्यन्ते हृदयस्येह ग्रन्थयः ।
अथ मर्त्योऽमृतो भवत्येतावद्ध्यनुशासनम् ॥ १५ ॥

yadā sarve prabhidante hṛdayasyeha granthayaḥ |
atha martyo'mṛto bhavatyetāvaddhyanuśāsanam || 15 ||

“Desfazendo os nós que estrangulam o coração, o mortal torna-se imortal. Essa é a síntese do ensinamento”. || 15 ||

शतं चैका च हृदयस्य नाड्य- स्तासां मूर्धानमभिनिःसृतैका ।
तयोर्ध्वमायन्नमृतत्वमेति विष्वङ्मुखा उत्क्रमणे भवन्ति ॥ १६ ॥

śataṁ caikā ca hṛdayasya nāḍyastāsāṁ mūrdhānamabhiniḥsṛtaikā |
tayordhvamāyannamṛtatvameti viṣvaṁḥanyā utkramaṇe bhavanti || 16 ||

Dos condicionamentos para a Liberdade.

“A partir do coração, surgem os cento e um caminhos (*nāḍīs*) da força vital. Um deles conduz ao topo da cabeça. Esse caminho conduz à imortalidade. Os outros, à morte”. || 16 ||

अङ्गुष्ठमात्रः पुरुषोऽन्तरात्मा सदा जनानां हृदये संनिविष्टः ।

तं स्वाच्छरीरात्प्रवृहेन्मुञ्जादिवेष्टीकां धैर्येण ।

तं विद्याच्छुक्रममृतं तं विद्याच्छुक्रममृतमिति ॥ १७ ॥

aṅguṣṭhamātraḥ puruṣo'ntarātmā sadā janānāṃ hṛdaye saṃniviṣṭaḥ |

taṃ svāccharīrātpurvāheṇmuñjādiveṣṭikāṃ dhairyeṇa |

taṃ vidyācchukramamṛtaṃ taṃ vidyācchukramamṛtamiti || 17 ||

“Puruṣa, menor que o dedo polegar, repousa eternamente nos corações de todos. Distingue-o do corpo físico, como o caule que surge do junco. Conhece a ti mesmo como Ser, Pleno e Ilimitado! Conhece a ti mesmo como Ser, Pleno e Ilimitado!” || 17 ||

मृत्युप्रोक्तां नचिकेतोऽथ लब्ध्वा विद्यामेतां योगविधिं च कृत्स्नम् ।

ब्रह्मप्राप्तो विरजोऽभूद्विमृत्यु- स्योऽप्येवं यो विदध्यात्ममेव ॥ १८ ॥

mṛtyuproktāṃ naciketo'tha labdhvā vidyāmetāṃ yogavidhiṃ ca kṛtsnam |

brahmaprāpto virajo'bhūdvimṛtyuranyo'pyevaṃ yo vidadhyātmameva || 18 ||

Assim, Naciketas aprendeu do Senhor da Morte o autoconhecimento e o disciplina libertadora do Yoga. Libertando-se de toda separação, conquistou a morte e reconheceu o Ilimitado. Abençoados são os que conhecem o Ser. || 18 ||

॥ इति काठकोपनिषदि द्वितीयाध्याये तृतीया वल्ली ॥

|| iti kāṭhakopaniṣadi dvitīyādhyāye tṛtīyā vallī ||

Aqui conclui-se o terceiro canto da segunda parte da *Kāṭhopaniṣad*.

ॐ सह नाववतु । सह नौ भुनक्तु । सहवीर्यं करवावहै ।

तेजस्वि नावधीतमस्तु । मा विद्विषावहै ॥ ॐ शान्तिः शान्तिः शान्तिः ॥

om saha nāvavatu | saha nau bhunaktu | sahavīryaṃ karavāvahai |

tejasvi nāvadhītamastu | mā vidviṣāvahai || om śāntiḥ śāntiḥ śāntiḥ ||

Invocação da Paz.

Om. Que Ele (Īśvara) proteja nós dois. Que Ele esteja feliz conosco.
Que possamos trabalhar juntos com vigor. Que a visão nos ilumine.
Que nunca confundamos nossos papéis. Om. Que haja paz, paz, paz.



॥ ॐ ॥



॥ ॐ ॥



Síntese da Upaniṣad



Prathamādhyāya

1. Naciketas: arquétipo do buscador

A primeira parte da *Kāthopaniṣad* apresenta Naciketas como o discípulo ideal: curioso, focado, destemido, íntegro e movido por uma sede genuína de conhecimento. Esta empática personagem se posiciona em claro contraste com outras figuras, marcadas pela busca do prazer efêmero, a dúvida ou o desalento diante da finitude da vida. Ele vai voluntariamente ao encontro de Yama, o deus da morte, disposto a sacrificar tudo para conhecer a verdade.

2. A jornada à casa da Morte

Ao perceber que as oferendas de seu pai eram indignas do sacrifício que realizava, Naciketas oferece a sua própria vida. A palavra empenhada possui força absoluta, e o jovem parte sozinho para o reino de Yama. A narrativa, revestida de linguagem mítica, coloca o buscador frente à realidade inevitável da morte e ao questionamento sobre o sentido da existência.

3. Os três pedidos e o significado da busca

Após esperar três dias sem ser recebido, Naciketas obtém de Yama três dádivas: a reconciliação com o pai, o conhecimento sobre o ritual do fogo e a resposta à questão fundamental: o que acontece após a morte. Os dois primeiros pedidos

estão vinculados com a vida em família e na sociedade; o terceiro aponta para a libertação, meta de todas as formas de Yoga.

4. O discernimento entre o eterno e o impermanente

Antes de responder à pergunta crucial, Yama testa o jovem oferecendo-lhe longevidade, riqueza, prazeres, poder e a possibilidade de satisfazer todos os desejos imagináveis. Naciketas recusa tudo aquilo, reconhecendo que os objetos dos sentidos são transitórios. Yama, o mestre, aborda o ensinamento central sobre a disjuntiva entre *preyas*, a satisfação efêmera, e *śreyas*, a plenitude. Essa escolha irá definir o caráter e o destino de cada ser humano.

5. A crítica da ignorância e o processo do autoconhecimento

Impressionado pela firmeza do discípulo, Yama o instrui sobre a natureza do Ser. A ignorância consiste em tomar o mundo material como a única realidade possível, permanecendo preso ao ciclo de desejos, frustrações e renascimentos. A felicidade não está nas distrações ou prazeres impermanentes mas na descoberta da Presença que transcende o aparente, a morte e as limitações inerentes a todas as experiências.



Dvitīyādhya

6. A identidade entre o indivíduo e o Todo

A segunda parte da *Kaṭha* aprofunda o ensinamento fulcral de todas as formas de Yoga ao longo da história: a identidade entre Ātma, o ser individual, e Brahman, o Ilimitado. Assim como o fogo único parece assumir formas diferentes ao consumir diversos objetos, o Ser manifesta-se de formas diversas em todos os seres, preservando sua unidade essencial. O autoconhecimento consiste em reconhecer a identidade fundamental expressa na grande afirmação *Aham Brahmāsmi*: “Eu sou o Ilimitado”.

7. O papel do mestre

A Upaniṣad enfatiza que a realização não pode ser alcançada apenas por raciocínios, leituras ou especulações. O Ser jamais se torna objeto de

conhecimento, pois é o próprio sujeito que conhece. Por isso, a orientação de um mestre realizado torna-se indispensável: somente quem reconheceu em si mesmo essa verdade pode apontar o caminho para aqueles que a buscam.

8. O Yoga como caminho

O Yoga aparece nesta segunda parte como um instrumento prático da realização. A definição de Yoga como visão libertadora que Yama nos traz é a mais antiga de toda a vasta literatura. O mestre observa, com realismo, que o Yoga “vem e vai”: isso exige da nossa parte exercermos a atenção constante para evitar as distrações que nos levam de volta para o ciclo incessante do sofrimento.

9. Karma, responsabilidade e libertação

A lei do *karma* é apresentada como o princípio através do qual cada indivíduo constrói seu próprio destino. A libertação não depende do acaso ou de favores sobrenaturais, mas das escolhas deliberadas levadas para o campo concreto da ação. A árvore cósmica, *Ásvattha*, simboliza a ordem universal, da qual todos os mundos surgem, e na qual vivem enraizados. A libertação não é algo que possa vir no futuro incerto, ou como resultado de algum esforço: ela é uma possibilidade real para quem vive conscientemente o agora.

10. A vitória sobre a morte pelo conhecimento

O ensinamento culmina na superação da morte. Não se trata da conquista da imortalidade no corpo físico, mas do reconhecimento do Ser, que não nasce nem morre. Ao transcender a identificação com os sentidos, a mente e a individualidade, o buscador reconhece o Ilimitado como sua verdadeira natureza. Na linguagem da tradição, “desfazer os nós do coração” é vencer a morte: quando cessam a ignorância e o senso de alienação, a busca chega ao fim e a pessoa reconhece sua identidade real, libertando-se definitivamente do ciclo de nascimentos e mortes.

Essa é a síntese da *Kāthopaniṣad*.

॥ हरिः ॐ ॥





Sobre o Sânscrito, a Língua do Yoga

Os primeiros falantes de sânscrito foram os *āryas* ou arianos, fundadores da civilização védica. Os mais antigos textos da Humanidade, chamados Vedas, datam da Idade Védica, entre o sétimo e o quarto milênio a.C. Foram transmitidos com surpreendente exatidão ao longo dos milênios por tradição oral, e transcritos durante a segunda metade do II milênio a.C.

William James, pioneiro da filologia que descobriu a origem comum das línguas indo-européias, disse em 1786: “A língua sânscrita, seja qual for a sua antiguidade, possui uma estrutura maravilhosa; mais perfeita que o grego, mais rica que o latim e mais elegantemente refinada que ambos, ela mantém ao mesmo tempo com ambas línguas, tanto no que se refere à raiz dos verbos quanto às formas gramaticais, uma afinidade mais forte que a que pudéssemos esperar quicá por mero acidente. Tão forte que nenhum filólogo poderia analisar as três línguas sem chegar à convicção de que procedem de uma mesma fonte, que talvez já não exista.”

Ao longo da existência, essa língua evoluiu e depurou-se: *saṁskṛta* significa precisamente “refinado”, por oposição às línguas *prakṛtas*, “naturais” ou vernáculas. Assimilou todavia influências de linguagens dravídicas e austro-asiáticas como o *munda* (da mesma família que as línguas Mon-Khmer, da Ásia Oriental), do qual herdou, entre muitas outras, as palavras *liṅgaṁ*, *pūjā* e *mayūra*.

Trata-se de uma língua sagrada que sempre foi usada para transmitir a Visão do Ilimitado, nas diversas escolas e tradições da Índia antiga. Isto cria uma série de dificuldades em relação à interpretação do sentido de muitas expressões que não possuem uma tradução direta nem precisa em línguas ocidentais.

Com o surgimento da escrita *nāgarī*, o sânscrito passou a ser usado para redigir tratados sobre ritual, filosofia, gramática, astronomia, legislação, etc. O sânscrito clássico, vigente na Idade de Ouro, diferencia-se do mais antigo, usado no Período Védico. Pāṇini, o grande gramático do século VI a.C., deu as bases para essa transformação da língua na sua obra *Aṣṭādhyāyī* (“Oito Capítulos”), que contém as 3959 regras da morfologia sânscrita.

Guia Fonético

O sânscrito consta de quatorze vogais e trinta e três consoantes, o que o torna um tanto hermético para os não iniciados: as nuances de pronúncia chegam a ser imperceptíveis aos ouvidos desabituaados. Consequentemente, muitos dos seus sons são irreproduzíveis em outros idiomas.

Não possui acentuação marcada ou forte, mas apenas uma sucessão de sílabas curtas e longas, com inflexões tônicas e musicais. O traço horizontal (macron) sobre a vogal implica alongamento. A pronúncia figurada é dada abaixo, segundo a ordem do alfabeto sânscrito (ou melhor, silabário).

Os termos sânscritos que aparecem neste texto foram transcritos da sua forma original, conforme a transliteração adotada pela Convenção de Genebra de 1949, atualizada na Convenção de Harvard-Kyoto, a fim se de conseguir a pronúncia figurada mais aproximada possível dos sons originais do sânscrito.



Akṣaramālā ou *Varṇamālā*: o Alfabeto

Akṣarāṇi: as Letras



I — *Ghoṣaḥ*: as Vogais e os Ditongos

अ	a	aberta, curta, como em <i>tatu</i> (<i>pūrṇa</i>);
आ	ā	aberta, longa, como em <i>arte</i> (<i>prāṇa</i>);
इ	i	curta, como em <i>ideia</i> (<i>Śiva</i>);
ई	ī	longa, como em <i>ali</i> (<i>nāḍī</i>);
उ	u	como em <i>união</i> (<i>udāṇa</i>);
ऊ	ū	longa, como em <i>açude</i> (<i>kūmbhaka</i>);
ऋ	ṛ	pronuncia-se como em <i>marinho</i> (<i>ṛṣi</i>).
ॠ	ṝ	pronuncia-se como em <i>marítimo</i> (<i>ṛkāra</i>);
ऌ	ḷ	como em inglês, <i>revelry</i> (<i>ḷtaka</i>);
ॡ	ḹ	como em inglês, <i>revelry</i> , mas prolongado (<i>ḷkāra</i>);
ए	e	fechado, como em <i>dedo</i> (<i>asteya</i>);
ऐ	ai	ditongo, como em <i>vai</i> (<i>kaivalya</i>);
ओ	o	fechado, como em <i>iodo</i> (<i>Yoga</i>);
औ	au	ditongo, como em <i>pauta</i> (<i>nauli</i>);



II — *Vyañjanaḥ*, as Consoantes

1) *Kaṇṭhyaḥ*, as Guturais ou Velares

क	ka	como em <i>Karina</i> (<i>karma</i>);
ख	kha	aspirada, como em inglês, <i>broke-heart</i> (<i>Sāṅkhya</i>);
ग	ga	gutural, como em <i>guirlanda</i> (<i>Gītā</i>);
घ	gha	aspirada, como em inglês, <i>big-house</i> (<i>Gheraṇḍa</i>);
ङ	ṇa	nasalizando a vogal precedente (<i>aṅga</i>);

2) *Tālāvyah*, as Palatais

च	ca	pronuncia-se como em <i>tchê</i> (<i>cakra</i>);
छ	cha	também como em <i>tchê</i> , porém aspirado (<i>mūrcchā</i>);
ज	ja	palatal, pronuncia-se como em <i>Djalma</i> (<i>japa</i>);
झ	jha	palatal, como em inglês, <i>hedgehog</i> (<i>jhalī</i>);
ञ	ña	antes ou depois de consoantes palatais, como em <i>senha</i> (<i>jñāna</i>);

3) *Mūrdhanyaḥ*, as Cerebrais ou Retroflexas

ट	ṭa	com a língua no palato, como em inglês, <i>true</i> (<i>Aṣṭāṅga</i>);
ठ	ṭha	dental aspirada, como em inglês, <i>lighthouse</i> (<i>Haṭha</i>);
ड	ḍa	com a língua no palato, como em inglês, <i>drum</i> (<i>daṇḍa</i>);
ढ	ḍha	com a língua no palato, como em inglês, <i>redhaired</i> (<i>ḍhanura</i>);
ण	ṇa	como em inglês, <i>done</i> (<i>prāṇa</i>);

4) *Dantyaḥ*, as Dentais

त	ta	com a língua na raiz dos dentes, como em terra (<i>Tantra</i>);
थ	tha	com a língua na raiz dos dentes, como em inglês, <i>foot-hook</i> (<i>sthiraṁ</i>);
द	da	dental, como em <i>dilúvio</i> (<i>dasanāmi</i>);
ध	dha	dental, como em inglês, <i>bloodhorse</i> (<i>dhāraṇā</i>);
न	na	dental, como em <i>nota</i> (<i>ānanda</i>);

5) *Oṣṭhyaḥ*, as Labiais

प	pa	labial, como em posto (<i>pūrvaka</i>);
फ	pha	labial aspirada, como em inglês, <i>top-half</i> (<i>phāla</i>);
ब	ba	labial, como em <i>bomba</i> (<i>bandha</i>);
भ	bha	aspirada, como no inglês, <i>nib-head</i> (<i>bhūta</i>);
म	ma	em início de palavra ou após vogal tem som bilabial, como em <i>mãe</i> (<i>mantra</i>); entre consoantes, é nasalizada, como em <i>também</i> (<i>saṁskāra</i>);

6) *Antasthaḥ*, as Semi-Vogais

य	ya	é semivogal: pronuncia-se como o i em <i>viola</i> (Yoga);
र	ra	sempre como se estivesse no meio da palavra, como em <i>vidro</i> (<i>rāja</i>);
ल	la	como em <i>iluminar</i> (<i>kuṇḍaliṇī</i>);
व	va	em início de palavra ou após uma vogal, pronuncia-se como em <i>volta</i> (<i>vāsaṇā</i>); após uma consoante, pronuncia-se igual ao <i>w</i> de <i>narrow</i> , em inglês (<i>tattva</i>);

7) *Ūṣman*, as Sibilantes

श	śa	tem o som de <i>sh</i> , como em <i>Sheila</i> (Śiva);
ष	ṣa	tem o som de <i>sh</i> , como em <i>bush</i> (Kṛṣṇa);
स	sa	tem o som de <i>ss</i> , como em <i>passo</i> (<i>āsana</i>);
ह	ha	sempre aspirado, como em <i>happy</i> (<i>anāhata</i>).

z, q, f são letras que não existem em sânscrito. Têm origem persa e foram assimiladas nas línguas vernáculas durante a presença muçulmana na Índia, a partir do século VII d.C. Um exemplo: *faqir*.





Bibliografia para Continuar o Estudo

Esta é uma sugestão de leituras para continuar os seus estudos de Yoga, Tantra e Vedānta. Porém, cabe lembrar que nenhuma destas disciplinas podem ser compreendidas apenas lendo livros. O texto escrito tem como único propósito lembrar aquilo que foi estudado em aula, em presença de um professor. O papel do professor é fundamental nesse contexto, uma vez que a palavra é usada de uma maneira muito cuidadosa e o ensinamento sobre o Ser só pode ser transmitido de boca a ouvido.

Em caso do estudante não ter a visão clara, esse uso peculiar da palavra irá escapar da sua compreensão e a possibilidade de se equivocar, entender apenas uma parte do ensinamento ou pior ainda, entender tudo ao contrário, é imensa. Se estiver interessado em aprofundar a visão do Vedānta ou a prática do Yoga, busque um professor que possa lhe ensinar e esclarecer as suas dúvidas pessoalmente.

A presença física do professor é chamada *cetana* em sânscrito e, embora em livros, vídeos ou cursos à distância, o *cetana* não esteja presente, a relembração daquilo que já aprendemos, e a motivação que sentimos ao ouvir novamente o ensinamento sim, podem nos ajudar a manter alta a inspiração, bem com a renovar e fortalecer a nossa conexão com o *paramparā* que revela a visão libertadora.

A nossa recomendação é que você, de tempos em tempos, saia da sua zona de conforto e faça uma viagem para estar em presença de um professor. É assim que tem sido há milênios, e é assim que nós fazemos, indo para a Índia todo ano para continuar o nosso processo de aprendizado com aqueles que nos inspiram.

Junto com os livros, há ainda outros materiais que podem ser usados para complementar o estudo, como gravações de áudio ou vídeo, e textos disponíveis na internet. No fim desta lista, aparecem alguns websites, em português, inglês e espanhol, onde o leitor poderá encontrar mais recursos, textos, livros, aulas, mantras e gravações para download, e muita inspiração. *Namaste!*





Yoga

- Bernard, Theos** (1976): *Haṭha Yoga*, Dédalo, Buenos Aires.
- Dasgupta, Surendranath** (1973): *Yoga as Philosophy and Religion*, Motilal Banarsidass, New Delhi.
- Digambarji, Swāmi** (1972): *Yogakośa*, Kaivalyadhama Samiti, Lonavla.
- Eliade, Mircea** (1991): *El Yoga. Inmortalidad y Libertad*, FCE, México.
- Eliade, Mircea** (1982): *Patañjali et le Yoga*, Seuil, Paris.
- Gheraṇḍa, Yogin** (1972): *Gheraṇḍa Saṁhitā*, Oriental Reprint, New Delhi.
- Gopikrishna** (1975): *The Awakening of Kuṇḍaliṇī*, Dutton, New York.
- Hermógenes, José** (1971): *Auto-perfeiçãocom Haṭha Yoga*, Record, Rio de Janeiro.
- Hermógenes, José** (2000): *Iniciação ao Yoga*, Nova Era, Rio de Janeiro.
- Hermógenes, José** (1973): *Yoga para nervosos*, Record, São Paulo.
- Hermógenes, José** (2000): *Saúde plena: Yogaterapia*, Nova Era, São Paulo.
- Kupfer, Pedro** (1998): *Guia de Meditação*. Dharma, Florianópolis.
- Kupfer, Pedro** (2000): *Visões do Yoga*. Dharma, Florianópolis.
- Kupfer, Pedro** (2000): *Yoga Prático*. Dharma, Florianópolis.
- Iyengar, B. K. S.** (1986): *Light on Yoga*, Unwin, London.
- Iyengar, B. K. S.** (1992): *Light on Prāṇāyāma*. Aquarian, London.
- Iyengar, B. K. S.** (1996): *Light on the Yogasūtras of Patañjali*. Thorsons, London.
- Michaël, Tara** (1976): *O Yoga*, Zahar, São Paulo.
- Mookerjee, Ajit** (1982): *Kuṇḍaliṇī, the Arousal of the Inner Energy*, Thames & Hudson, London.
- Renou, Louis** (1991): *El Hinduismo*, Paidós, Barcelona.
- Sivānanada, Swāmi** (1982): *Tantra Yoga, Nāḍayoga y Kriyā Yoga*, Kier, Buenos Aires.
- Sivānanada, Swāmi** (1990): *A Ciência do Prāṇāyāma*, Pensamento, São Paulo.
- Sivānanada, Swāmi** (1998): *Yogāsanas*, Divine Life Society, Rishikesh.
- Sivānanada, Swāmi** (1994): *Japa Yoga*, Divine Life Society, Rishikesh.
- Sjoman, N. S.** (1996): *The Yoga Tradition of the Mysore Palace*, Abhinav Publications, New Delhi.
- Svātmārāma** (1991): *Hatha Yoga Pradipika*, Éditions Satyānanadashram, Paris.
- Svatmarama** (1999): *Hatha Yoga Pradipika*, Motilal Banarsidass, New Delhi.
- Svātmārāma** (1972): *The Haṭhayogapradīpikā of Svātmārāma*, Adyar Library, Madras.



Tantra

Anônimo (1984, tradução de Sir John Woodroffe): *Kūlarnava Tantra*, Ganesh, Madras.

Anônimo (1993, traduzido para o inglês por Sir John Woodroffe): *The Great Liberation (Mahānirvāṇa Tantra)*, Ganesh, Madras.

Bhattacharya Mahodaya, S. C. V. (1997): *Principles of Tantra* (traduzido para o inglês por Sir John Woodroffe), Ganesh, Madras.

Dasgupta, Surendranath (1971): *Obscure Religious Cults*, Motilal Banarsidass, New Delhi.

Feuerstein, Georg (1998): *Tantra, the Path to Ecstasy*, Shamballa, Boston.

Frawley, David (1997): *Tantric Yoga and the Wisdom Goddesses*, Motilal Banarsidass, New Delhi.

Johari, Harish (1997): *Tools for Tantra*, Inner Traditions, Rochester, Vermont.

Mookerjee, Ajit (1993): *Kālī, the Feminine Force*, Thames & Hudson, London.

Mookerjee, Ajit (1994): *The Art of Tantra*, Rupa, Bombay.

Mookerjee, Ajit and Khanna, Madhu (1977): *The Tantric Way*, Thames & Hudson, London.

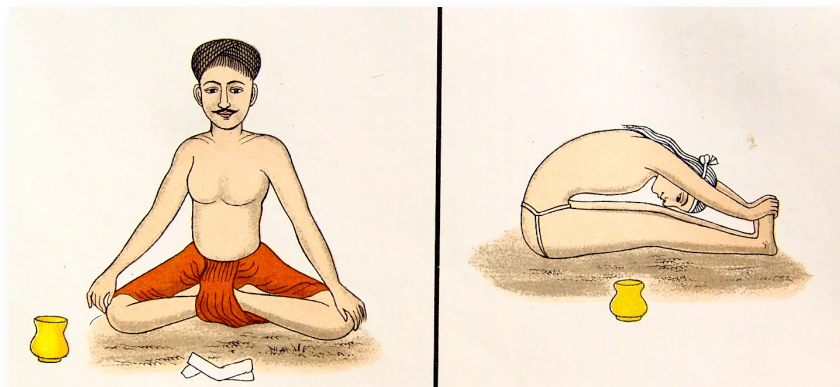
Rawson, Philip (1990): *Tantra, the Indian Cult of Ecstasy*, Thames & Hudson, London.

Woodroffe, Sir John: *El Poder Serpentino*, Kier, Buenos Aires.

Woodroffe, Sir John (1997): *The Serpent Power*, Ganesh, Madras.

Woodroffe, Sir John (1994): *Śaktī and Śākta*, Ganesh, Madras.

Woodroffe, Sir John (1997): *Introduction to Tantra Śāstra*, Ganesh, Madras.





Vedānta

- Arieira, Gloria** (2007): *Tattvabodha, o Conhecimento da Verdade* (tradução comentada). Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.
- Arieira, Gloria** (2011): *Bhagavadgītā*. Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.
- Arieira, Gloria** (2001): *Orações Milenares* (compilação e tradução). Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.
- Chaitanya, Śrī Dhīra** (2006): *O Luto e o Ritual Final de Morte na Tradição Hindu*. Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.
- Chinmayānada, Swāmi** (2006): *Ātmabodha* (tradução comentada). Central Chinmaya Mission Trust, Mumbai.
- Chinmayānada, Swāmi** (2000): *Śrī Rāmagītā* (tradução comentada). Central Chinmaya Mission Trust, Mumbai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2008): *Bhagavadgītā* (tradução comentada). Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2003): *Bhagavadgītā Home Study Course*. 4 Volumes (tradução comentada). Śruti Seva Trust, Anaikatti.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2007): *Exploring Vedānta*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2007): *Freedom*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2008): *Freedom from Helplessness*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2004): *Introduction to Vedānta*. Vision Books, New Delhi.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2008): *Liberdade*. Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2007): *Living Inteligently*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2007): *Living versus Getting on*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2008): *Muṇḍakopaniṣad*. 2 Volumes (tradução comentada). Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (1998): *O Valor dos Valores*. Vidyā Mandir, Rio de Janeiro.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2008): *Surrender and Freedom*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2007): *The Fundamental Problem*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.
- Dayānanada Saraswati, Swāmi** (2008): *The Problem is You. The Solution is You*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānānada Saraswati, Swāmi (1993): *The Sādhana and the Sādhyā*. Śrī Gaṅgadharewśar Trust, Rishikesh.

Dayānānada Saraswati, Swāmi (2004): *The Teaching of the Bhagavadgītā*. Vision Books, New Delhi.

Dayānānada Saraswati, Swāmi (2007): *Vedānta 24x7*. Arsha Vidyā Centre, Chennai.

Dayānānada Saraswati, Swāmi (1997): *Vivekacūḍāmaṇi: Talks on 108 Selected Verses*. Śrī Gaṅgadharewśar Trust, Rishikesh.

Gambhīrānanda, Swāmi (1997): *Chāndogya Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.

Gambhīrānanda, Swāmi (2000): *Kaṭha Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.

Gambhīrānanda, Swāmi (1998): *Kena Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.

Gambhīrānanda, Swāmi (2000): *Māṇḍūkya Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.

Gambhīrānanda, Swāmi (1998): *Praśna Upaniṣad, with the Commentary of Śaṅkārācārya* (tradução comentada). Advaita Ashrama, Calcutta.

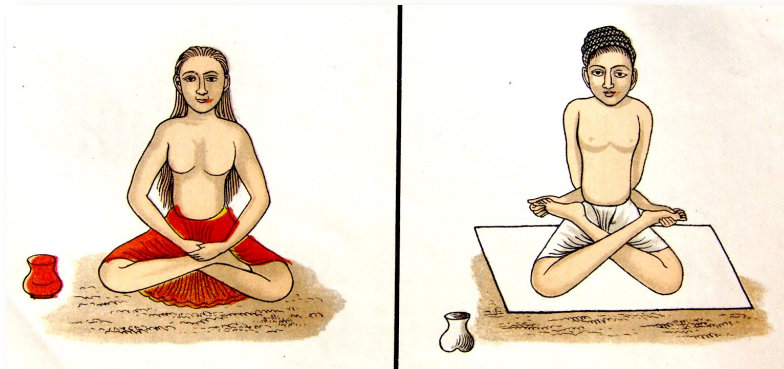
Menon, Vidyaratna P. N. (1997): *Ātma Bodha of Śrī Śaṅkārācārya*. The Educational Supplies Depot, Palakkad.

Nikhilānanda, Swāmi (1947): *Ātmabodhaḥ* (tradução comentada). Sri RamaKṛṣṇa Math, Madras.

Śuddhabodhānanda Saraswati, Swāmi (1996): *Vedāntic Ways to Samādhi*. Śrī Visweswar Trust, Mumbai.

Venugopal, D. (2008): *Pujya Swāmi Dayānānada Saraswati: His Uniqueness in the Vedānta Sampradāya*. Śrī Sai Printers, Chennai.

Vyāsa, Kṛṣṇadvaipayāna (2000): *Mahabhārata*, Munshiram Manoharlal, New Delhi.





Websites de Estudo

Arsha Avinash, de N. Avinashilingam (em inglês): www.arshaavinash.in

Arshavidyā Gurukulam, de Swāmi Dayānanda (em inglês): www.arshavidya.org

Arshavidyā Pītham, de Swāmi Dayānanda (em inglês): www.dayananada.org

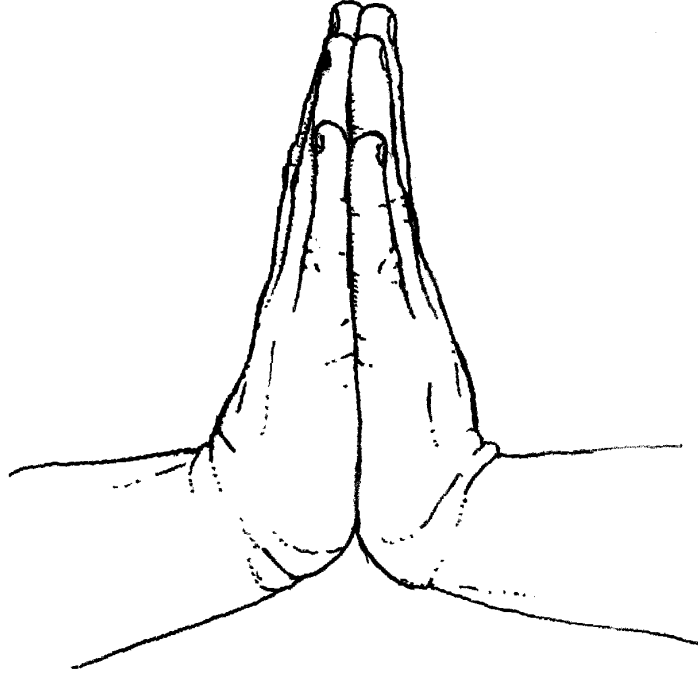
Tattvatīrtha, de Swāmi Veditātmānanda (em inglês): www.tattvatirtha.org

Vedānta Vidyārthi Saṅgha, de Swāmi Paramarthānanda (em inglês):
www.vedantavidyarthisanha.org

Vidyā Mandir, de Gloria Arieira (em português): www.vidyamandir.org.br

Yogabindu, de Pedro Kupfer (em português): www.yoga.pro.br





॥ धन्यवाद ॥

Dhanyavād!

Muito obrigado por nos
acompanhar até aqui.

Tudo de bom!

॥ हरिः ॐ ॥

